

Thiago Fernandes

A Cidade dos Lobisomens





A Cidade dos Lobisomens

Thiago Fernandes

Um Grito Ecoa na Noite

— **E**i, Marcelo? Acorda! Você precisa me ajudar.

As palavras sussurradas ao ouvido fizeram com que o garoto acordasse assustado.

— Léo? O que está acontecendo?

— Preciso da sua ajuda para chegar até o alojamento das meninas.

— Tá maluco? Você pirou se acha que vou entrar nessa fria.

— Ah, qual é, Marcelo? Sei que não vai acreditar em mim, mas não posso mais perder tempo.

Marcelo olhou desconfiado para o amigo, e em seguida, verificou as horas em um relógio que levava no pulso, de cor verde, já desgastado com o tempo.

— Você não pode estar falando sério. São uma e vinte e cinco, Léo. Se chegar perto daquela porta, as mães vão arrancar a sua pele. Ainda mais depois da conversa esquisita que você teve com elas.

— Olha, só preciso que você vigie a porta para mim, enquanto eu entro lá. Só temos cinco minutos, antes que aquela coisa volte.

— Acho que isso não passa de pura imaginação da sua cabeça e da Amanda.

— Eu sei que você não acredita, mas só tenho você como grande amigo aqui. Amanda precisa de ajuda.

Marcelo ainda fitava o amigo, desconfiado, pois não acreditava no que ele desejava fazer. As consequências para aquele ato, caso fosse descoberto, seriam as piores. Léo olhava para o amigo franzino, de pele escura e olhos bem vivos, na esperança de que ele o ajudasse naquela difícil missão.

Ambos sabiam, que se as mães do orfanato descobrissem o que iriam fazer ou os pegassem em flagrante, o castigo seria certo... E longo. Marcelo levantou-se cuidadosamente, para que os outros garotos não acordassem. Os dois passaram pela porta e fecharam-na com cuidado. Com muita cautela passaram apressados pelo grande corredor, onde ficavam os alojamentos e banheiros masculinos.

Ao final dele, havia uma grande escadaria e, à frente dela, uma grande porta, composta de vidro e grossas barras de ferro, que dava acesso à rua. Do lado oposto de onde vieram, ficava a sala da administração, cozinha, refeitório e uma saída para o pátio externo. Subindo as escadas, os garotos chegaram ao piso superior, onde se encontravam os aposentos das mães e os alojamentos femininos. Antes de prosseguirem,

Léo pediu a atenção do amigo.

– Marcelo, preste atenção: você vai ficar escondido no próximo corredor, entre os quartos das mães e os das meninas. Segure isto.

Léo deu pequenos grãos de feijão ao companheiro.

– Se alguma delas vier, você atira o grão contra a porta. Depois se esconda em algum lugar.

– Ai, ai, ai! Não tô gostando nada, disso. Se essas mães nos pegarem... Não quero nem pensar.

– Aí, amigão, valeu!

– Você tem certeza de que a Amanda não tá imaginando coisas? Esse negócio de que alguém vem visitá-la, não é típico de quem bate bem da cabeça.

– Eu sei que é verdade. Eu a vi.

O amigo arregalou os olhos, espantado.

– Vo... Você viu o quê?

– Bem, não sei se posso dizer que se trata de uma “pessoa”, mas anteontem, quando Amanda teve aquela crise, pude ver da janela...

– O que?

– A coisa que veio atrás dela... Saiu voando.

Marcelo deixou escapar um sorriso irônico.

– Voando? Você não está com problema de visão? É sério, talvez...

– Olha, fique aqui. Está bem? E faça o que pedi. Já deve ser uma e meia, não posso mais demorar.

Mais uma olhada no inseparável relógio e o amigo confirmou as horas.

– Uma e meia em ponto, Léo. Tem certeza de que vai entrar aí?

– Tenho.

– Se for verdade isso tudo, não te dá medo enfrentar o que não conhece?

– É engraçado, mas não sinto medo nenhum. Não sei explicar.

Nesse momento, um barulho vindo do teto do orfanato pôde ser ouvido. Marcelo se assustou.

– O que foi isso?

– Acho que a coisa chegou. Faça como combinamos.

Léo dirigiu-se para o aposento, onde Amanda estava e, bem devagar, abriu a porta do local. De um dos bolsos, ele retirou uma pequena lanterna e a acendeu por várias vezes em direção às camas, como havia combinado. Ao dar o primeiro passo, ele sentiu uma mão agarrando-o pelo braço. O coração disparou naquele instante, mas ao virar-se notou que se tratava de Amanda, que estava escondida ao lado da porta.

– Pensei que estivesse na cama.

– Escutei alguns barulhos e achei melhor ficar aqui. Ainda bem que você chegou, estou com muito medo.

Amanda abraçou forte o amigo. As lágrimas não demoraram a chegar, denunciando todo o pavor que a garota estava sentindo. Léo tratou de reconfortá-la, mas pediu para que fizesse silêncio absoluto.

O Orfanato Santa Clara abrigava mais de cento e cinquenta jovens, de crianças de colo a adolescentes. Léo e Amanda tinham exatamente quinze anos e moravam ali, desde pequenos. A menina estava muito assustada, na noite anterior fora a única a ter uma horripilante visão.

– Amanda, escute. Vou ficar aqui com você, está bem? Mas, por favor, não faça barulho.

A garota, ainda com lágrima nos olhos, sentiu-se mais segura.

– Por que acredita tanto em mim?

– Deixa isso pra lá. O importante é que estou aqui e não vou deixar nada te acontecer.

Nesse momento, Léo sentiu as mãos da amiga tremerem. O olhar da menina estava fixo na janela, que ficava à frente de sua cama. Quando se virou para ver o

que era, ele pôde avistar, mesmo na escuridão, uma figura se aproximando lentamente.

Ela vinha voando, com os braços estendidos e parecia vir de encontro à janela do aposento onde estavam. Amanda, com o coração batendo em ritmo acelerado, agarrou-se ao amigo mais uma vez. Léo sentiu um leve arrepio, enquanto observava o estranho ser que surgia na noite e se aproximava, ainda mais, do local.

– Amanda, por favor, não faça nenhum barulho. Vou me esconder embaixo da cama e esperar essa coisa entrar.

– Não sei se vou conseguir, Léo.

– É preciso que tente. Quando essa coisa estiver aqui, vou surpreendê-la. As mães não podem desconfiar da minha presença, senão, jamais nos veremos novamente.

Amanda assentiu com a cabeça e se cobriu deixando apenas os olhos descobertos. Léo posicionou-se embaixo da cama da amiga, e aguardou em absoluto silêncio. O misterioso ser já estava bem próximo e logo pôde ser visto pela garota. Ele chegou e ficou parado por alguns instantes, bem próximo ao vidro.

Trajava uma capa escura, que lhe tapava a cabeça e o corpo. Parecia observar, atentamente, todo o quarto. As camas estavam dispostas em fileiras, de forma a deixarem um corredor livre no centro. Todas as meninas dormiam profundamente, e apenas Amanda observava, apavorada, o estranho ser que fluava do outro lado da janela.

De repente, um brilho, de um vermelho intenso, foi emitido pelos olhos do visitante na direção da garota. Amanda ficou paralisada, sem reação. O estranho ser, sem qualquer dificuldade, atravessou a janela colocando-se entre duas camas que ali estavam. Mesmo com uma fraca iluminação, proveniente do brilho da lua, Amanda pôde perceber que o estranho começava a se aproximar.

Com alguns passos lentos, o visitante atravessou o corredor e se pôs à frente da garota. Na tentativa de se proteger, ela enrolou-se ao cobertor ficando totalmente encoberta. O estranho ser aproximou-se ainda mais e ficou ao lado de sua cama. Uma voz, sussurrada, começou a ecoar pelo quarto.

– *Amanda... Amanda...*

Ao erguer uma de suas mãos para tocar a garota, Léo apareceu, atrás dele, demonstrando não sentir qualquer medo e falando em voz baixa.

– Ei, você! Deixe a minha amiga em paz!

O estranho parece ter se surpreendido com a presença do garoto. Ele caminhou na sua direção e encarou-o atentamente. Léo também o observou, mas só conseguiu perceber que o ser estava envolto a uma grossa capa, que lhe cobria o rosto e todo o corpo. Amanda apenas observava, sem conseguir se mexer.

O visitante levou uma de suas mãos à cabeça e retirou a capa. Mesmo com o brilho da lua, que chegava ao aposento através das janelas, não foi possível a Léo enxergar, com mais precisão, o rosto daquele ser. Assim, em um movimento rápido, ele apontou a lanterna na direção do estranho e a acendeu. Uma imagem horripilante foi tudo o que viu.

Tinha poucos cabelos, e eles eram brancos, grandes e desarrumados. O rosto era disforme e tinha uma aparência cadavérica, com olhos fundos e uma pele enrugada, de cor cinza. O estranho ser soltou um ruído pavoroso e tentou esconder o rosto entre as mãos. Amanda, quase que ao mesmo tempo, também gritou bem forte. Todas as meninas acordaram, assustadas, com os ruídos.

Do lado de fora, Marcelo ouviu os gritos e ficou assustado com o que estava acontecendo. Algumas portas, próximas dali, abriram-se, e de lá, várias irmãs saíram em direção ao aposento das meninas. Marcelo atirou rapidamente os grãos de feijão contra a porta, mas ao tentar fugir foi surpreendido por uma superiora.

– O que está acontecendo? O que faz aqui, uma hora dessas?

– Hã... Er... Sabe o que é madre, acho que perdi meus feijões da sorte. Não consegui dormir sem eles.

A madre o olhou, bastante irritada, e pediu para que outra companheira ficasse com ele. Juntando-se às outras, ela seguiu na direção da porta de onde os gritos foram ouvidos. Lá dentro, Léo escutou um barulho e lembrou-se dos feijões que ficaram com Marcelo. Virando-se rapidamente para Amanda, ele tentou controlar a amiga.

– Acalme-se, Amanda. Aquela coisa já foi embora. Olhe!

A garota olhava, desesperadamente, de um lado a outro, enquanto as outras meninas não sabiam o que estava acontecendo. Uma delas, a que estava mais próxima do interruptor, acendeu as luzes.

A presença de Léo provocou um intenso burburinho entre elas, e fez com que ele corresse, rapidamente, até a porta. Antes que pudesse tocar a sua maçaneta, ela se abriu e várias madres adentraram ao local. Amanda e todas as outras ficaram estarecidas. A madre superiora agarrou Léo com violência, e furiosa, queria entender o que estava acontecendo.

– O que significa isso, rapazinho? O que acha que está fazendo?

– Madre, eu só...

– Cale essa boca! Vai sentir na pele as consequências de sua ousadia!

Antes de ser bruscamente levado, Léo olhou uma vez mais para Amanda e recebeu o olhar triste da amiga. No corredor, Marcelo se juntou a ele e ambos foram levados para a sala da direção, que ficava no andar de baixo. Sob os olhares de todas as irmãs do local, os dois amigos foram indagados sobre o ocorrido. Léo se recusou a falar. Marcelo não entendeu sua atitude.

– Léo, você ficou doido? Fala pra elas o que aconteceu lá.

– Infelizmente, elas não vão acreditar, Marcelo.

– Pelo menos tente!

A madre superiora, diretora chefe do orfanato era conhecida e temida por todos, por ser implacável em seus castigos. Quando alguém aprontava e precisava ser corrigido, ela não abria mão de uma correção firme.

– Olhe para mim seu abusado! Se vier com aquela história de espíritos e seres estranhos que estão rondando o orfanato, já vou adiantando que será pior para você. É melhor contar o que estava fazendo lá.

Léo olhou, ironicamente, para Marcelo.

– Não te disse?

– Madre, o Léo só queria ajudar a Amanda. Ele...

– Fique quieto! Não tente encobrir esse delinquente. Diga logo, Leonardo: o que estava fazendo lá em cima?

Léo aproximou-se da mesa e olhou diretamente nos olhos da diretora.

– Quer saber mesmo? Todas aqui querem saber? Há uma bruxa rondando este orfanato e ela quer alguma coisa da Amanda. Aquela crise dela, há dois dias... Ela disse a vocês, mas se recusaram a ajudá-la.

– Não diga absurdos! Isso não aconteceu, não passa de imaginação barata!

– Eu a vi, estive frente a frente com aquela coisa. É uma bruxa horrível. Lancei a luz da minha lanterna no rosto dela e isso a deixou furiosa.

Marcelo concordou.

– Acredite, Madre, escutei um ruído assustador, um som apavorante. Só depois ouvi os gritos de Amanda.

Nesse instante, a madre superiora se levantou e olhando bem para Léo, decretou sua sentença:

– Se vai continuar com essa história absurda, saiba que vai pagar por isso. Não vou tolerar esse tipo de comportamento no meu orfanato. Desde pequeno você inventa essas histórias, mas hoje passou dos limites. De agora em diante ficará com as tarefas de limpeza, não participará das horas de lazer e ficará sem o lanche da tarde.

Vai ficar no pequeno quarto de dispensa, que fica no jardim. Até que me diga o que realmente foi fazer lá em cima, permanecerá em regime de muito trabalho e nenhuma diversão.

Nesse momento, uma das madres tentou opinar sobre a decisão. A madre superiora, porém, lançou-lhe um olhar de censura fazendo com que ficasse calada.

– E você, rapazinho, vai ficar ajudando na cozinha essa semana. Depois voltará às atividades normais.

Marcelo e Léo deixaram a sala da direção e seguiram para o alojamento. Antes que entrassem, Léo foi impedido de voltar ao local. Sua mudança seria realizada naquela mesma hora. A madre superiora ordenou que ele pegasse suas coisas e se dirigisse, imediatamente, para o quarto do jardim. A noite estava fria, mas mesmo assim a chefe do orfanato fez questão de acompanhá-lo até o local.

– Você vai ficar aqui, até que desminta essas asneiras que disse diante de todas nós.

A porta foi aberta e Léo se viu obrigado a passar, o resto daquela noite e todas as outras, em um lugar sujo, empoeirado, contendo apenas uma cama de ferro, com molas enferrujadas, e um colchão bem fino e mal conservado. Deixando suas coisas em um canto qualquer, ele deitou sobre o colchão velho e ficou a observar a lua, através de uma pequenina janela, naquela fria noite de inverno.

Uma Nova Visita

— **D**esculpe perguntar, Madre Elisa, mas a senhora não acha que está sendo dura demais com Léo?

— Madre Lúcia, a senhora viu, tão bem quanto eu, que aquele rapaz estava dentro do aposento das meninas, àquela hora da noite. E, por favor, refira-se a ele como Leonardo.

— Só acho que ele não precisava ser retirado do convívio com os outros meninos, para ficar isolado, naquele quarto imundo.

A madre superiora olhou para a colega e se pôs a observar, através da janela, que ficava logo atrás de sua mesa, o pátio do orfanato.

— Servirá de lição, para que aprenda a não dizer mentiras. Esse garoto passou de todos os limites...

Madre Lúcia aproximou-se de sua superiora, apoiando as mãos na mesa que estava logo à frente.

— E se tudo o que ele nos disse for verdade? E se a história que Amanda nos contou for real?

Madre Elisa se virou bruscamente e encarou, firme, a colega.

— Você tem ideia do absurdo que acaba de dizer?

— Leonardo sempre foi diferente dos outros, talvez...

— Não posso acreditar que a senhora dê crédito a essa história ridícula.

— Conheço bem os dois e sei que não teriam motivos para inventar essas coisas. Há dois dias, Amanda estava pálida e tremia muito.

— O que está tentando fazer, Madre Lúcia? Está querendo que eu acredite nessa história, afrouxe o coração e acampe naquele quarto, para ver se estão dizendo a verdade? Ora! Faça-me o favor! Não quero que aqueles dois se vejam, nem por alguns segundos.

— Mas senhora, eles são muito amigos. A senhora não pode...

— Eu posso e vou fazer! Caberá a ele decidir acabar com tudo isso. Se contar a verdade, e parar com essas histórias, que só servem para amedrontar os

outros meninos, quem sabe poderá retornar à sua rotina normal.

Madre Lúcia percebeu que suas palavras não seriam capazes de mudar a opinião de sua superiora. Assim, ela deixou a sala da direção e seguiu para o jardim. Chegando lá, pôde avistar Léo, que naquele momento executava a tarefa de regar e cuidar das plantas e flores do lugar. Madre Lúcia era jovem e tinha pouco mais de trinta anos. Ela aproximou-se dele e ficou observando-o.

– Você leva jeito para cuidar das plantas.

Léo mostrou-se surpreso com a presença daquela, a quem ele tinha muita estima.

– Madre Lúcia? O que faz por aqui?

– Estava conversando com Madre Elisa, para ver se podia ajudá-lo, mas tudo o que consegui foi ter a certeza de que ela não vai voltar atrás.

– Obrigado pela ajuda, mas disso eu já sabia.

– Léo, por que você não pede desculpas e diz a ela, o que ela quer ouvir? Você pode acabar com tudo isso.

Léo ficou pensativo por alguns segundos, depois dirigiu seu olhar à amiga e deixou escapar um sorriso meio tímido.

– Não posso fazer isso. Tudo o que eu disse é a verdade.

– Mas isso é loucura, Léo! É algo difícil de acreditar.

– Eu sei, mas é verdade.

– Léo, por favor, pare com isso. Diga o que você foi fazer lá e saia desse castigo.

– Não me importo com isso, minha preocupação é com Amanda. Aquela bruxa vai voltar e não sei como ajudá-la.

– Olhe, ninguém vai voltar coisa nenhuma. Por que está fazendo isso? O nosso orfanato nunca registrou qualquer caso assim, não há motivo para se comportar dessa forma. Se essa bruxa, como você diz, realmente existe, por que só agora ela resolveu aparecer. E por que ela estaria atrás de Amanda?

– Mas não é a primeira vez que ela aparece.

Madre Lúcia ficou surpresa com a afirmação do garoto.

– O que quer dizer?

– Lembra-se do pequeno incêndio na biblioteca?

– Isso foi há sete anos, Léo.

– Sim, e a senhora se lembra do que aconteceu?

Madre Lúcia tentou resgatar o fato na memória.

– Lembro-me que já estavam todos deitados. A noite estava silenciosa, quando fomos surpreendidos com um estrondo. Havia fumaça no primeiro piso e ela vinha da biblioteca.

Léo escutava, atentamente, as palavras de Madre Lúcia.

– Quando chegamos lá, havia um senhor, muito machucado de um lado da sala, enquanto o fogo se alastrava. Por sorte, o sistema contra incêndio não demorou a funcionar. Mas, por que você se lembrou disso, agora?

– Porque nessa mesma noite, ainda no quarto, eu vi um vulto passando pela janela e o cheiro forte de fumaça foi sentido na mesma hora.

– Um vulto?

– Exato. Quando estive no quarto ontem, com Amanda, tive a certeza de que o vulto daquele dia era a mesma bruxa.

Madre Lúcia ficou assustada com o que Léo acabara de dizer.

– Você está me assustando...

– Não sei o que houve com esse senhor, mas acredito que ele tentou enfrentá-la naquele dia.

– Ele era o antigo jardineiro do orfanato, e morava exatamente no quartinho onde você está.

– A senhora sabe o que houve com ele?

– Agora que perguntou, não me lembro o que aconteceu depois que ele foi para o hospital.

– Nem sabe como ele chegou aqui?

– Não. De qualquer forma, acho isso tudo muito absurdo. Madre Elisa não quer nem saber dessa história.

– Por que será? Mais do que uma megera, ela me parece ter medo de alguma coisa.

Madre Lúcia ficou pensativa.

– Você não vai falar com ela, não é?
– Desculpe.
– Tudo bem, vou deixá-lo pensar mais um pouco. Não esqueça o que eu disse. Até mais.

A Mãe se retirou, sob o olhar atento de Léo. Algumas perguntas começavam a surgir na sua cabeça, enquanto retornava ao interior do orfanato.

* * *

O relógio do orfanato Santa Clara marcava uma e meia da manhã, quando Amanda acordou assustada. Por alguns segundos, seus olhos observaram a escuridão da noite, através da janela. Ela sentiu certo alívio, ao constatar que não havia nada lá fora.

Assim, levantou-se e, silenciosamente, caminhou até a porta abrindo-a com muito cuidado. Do lado de fora do quarto, ela avistou a porta do banheiro, que ficava logo após as escadas, e caminhou apressada em sua direção. Antes de entrar, Amanda ficou paralisada ao notar que alguma coisa passara, rapidamente, pelo corredor de onde viera. Suas pernas começaram a tremer, e mesmo que tentasse, não conseguiria sair do lugar.

Lentamente, ela elevou os olhares para o mesmo corredor, e dessa vez, nada viu. Respirando fundo, entrou para o banheiro fechando a porta em seguida. Amanda abriu uma das torneiras e lavou o rosto diversas vezes. Ela queria acreditar que o episódio do dia anterior, não passara de um simples pesadelo.

De repente, um barulho vindo dos fundos do local chamou sua atenção. Olhando pelo espelho, que ficava logo acima dos lavatórios, ela notou algo estranho; um papel higiênico saiu rolando de uma das portas indo de encontro à parede.

Porém, ao contrário do que ela esperava, o objeto não parou, mas continuou rolando, dessa vez subindo pela parede, passando pelo teto, como se não houvesse gravidade, para depois retornar à cabine de onde saíra. Amanda não teve tempo de

pensar naquilo que acabara de ver, pois um grande ser, totalmente coberto por um manto escuro, acabara de sair do mesmo lugar.

Com a respiração alterada e sem conseguir gritar, ela não teve dúvidas: a bruxa estava de volta. Uma voz sussurrada e pavorosa foi ouvida pela garota.

– *Amanda...*

Tratava-se da mesma voz do dia anterior. Amanda reuniu forças e saiu correndo, sem olhar para trás. Ao sair pela porta, ela quase não acreditou no que vira: do outro lado, parada no meio do corredor, bem em frente à porta onde dormiam todas as meninas, estava a temível bruxa.

Quando suas mãos saíram, por debaixo do manto que a cobria, grossas e pontiagudas unhas puderam ser vistas. Ela as apontou na direção da garota e logo em seguida, com um pulo, pôs-se a voar em sua direção. Amanda se dirigiu, apressadamente, para as escadas e as desceu até chegar ao primeiro piso.

A bruxa vinha logo atrás e parecia furiosa. Amanda tentou entrar na sala da direção, mas a porta estava trancada. Não havia muito tempo, se ela não encontrasse algum lugar para se esconder, seria um alvo fácil. No corredor onde estava, só havia salas destinadas à administração do local e, portanto, estavam vazias e trancadas naquele momento.

Voltar para tentar pedir ajuda no quarto dos garotos, seria impossível, pois a bruxa já voava, rapidamente, na sua direção. Aterrorizada, Amanda correu o quanto pôde para chegar ao fim do corredor. Ali só havia uma opção; virar à direita e seguir pelo corredor para os fundos do orfanato, onde estava o pátio, uma quadra de esportes e o jardim.

A garota seguia, desesperada, rumo à porta de vidro que dava saída para estes locais. O terrível ser se aproximava, velozmente, sempre a chamando pelo nome. Quando chegou à porta, Amanda notou que a mesma estava trancada. Não havia outro caminho, a não ser passar por ali. O tempo estava se esgotando, a bruxa já estava bem perto. Amanda tentou abrir, inutilmente, o cadeado que lacrava a porta, e que estava fechado junto a uma corrente.

Quando a bruxa estava a poucos metros de distância, ela deixou de flutuar e passou a caminhar na direção da garota. Sua respiração podia ser ouvida, e era, de

fato, assustadora. Amanda, já sem forças, agachou-se ao lado da porta e começou a chorar. Parecia ser inevitável... Entretanto, naquele instante, um grande estrondo foi ouvido. A garota olhou para o lado e percebeu que o cadeado estava caído no chão.

Ele parecia estar quebrado e junto dele, também estavam as correntes. A porta se abriu e uma mão salvadora a puxou. A bruxa se enfureceu e passou pela porta derrubando aquele estranho. Amanda caiu para o lado, enquanto a outra pessoa foi jogada bem no meio do pátio.

A bruxa voou alto e retornou para acertar as contas com aquele, que estava ali, para novamente atrapalhar os seus planos. Léo olhou para a amiga e percebeu que ela estava desacordada. Agilmente, ele retirou de um dos bolsos, um pequeno recipiente de vidro, que continha um líquido valioso. Pelo alto, a bruxa descia com incrível velocidade, até ir de encontro a Léo.

Ele jogou-se ao chão e viu a bruxa tocar o solo, depois da tentativa de ataque. Correndo com suas unhas afiadas, à mostra, a bruxa se aproximou e pulou sobre Léo, derrubando-o. Poucos segundos depois, ela começou a sentir que havia algo de diferente. Mesmo caído e sentindo fortes dores no braço, Léo sorriu enquanto segurava o vidro, agora vazio, na mão.

A bruxa emitiu um som forte e estridente, que fez com que todos do orfanato despertassem. Por baixo do manto que lhe cobria o rosto, havia fumaça. Desesperada, ela arqueou as pernas, e com um grande impulso voou para a escuridão da noite, desaparecendo em seguida.

– Amanda? Amanda? Você está bem?

Amanda foi se recuperando aos poucos. Ela ficou muito feliz ao ver o amigo, novamente.

– Léo! Obrigado! Aquele monstro teria conseguido me pegar, se não fosse por você.

– Fique calma, Amanda. Aquela coisa já foi embora.

– Estou com muito medo, não sei mais o que fazer. Por que eu? O que ela quer de mim?

Léo se comoveu diante das lágrimas e indagações da amiga.

– Sinceramente, não sei responder essa pergunta. Depois de ontem, depois que vi o mal que se esconde por debaixo daquela capa, eu sabia que voltaria hoje. Por isso não dormi.

– Obrigado, amigo. Você vai me ajudar?

– Vou tentar. Acho que sei como fazer para destruir essa coisa para sempre.

– No que está pensando?

– Não dá para falar agora, as luzes estão se acendendo. Escute; daqui a pouco todas as madres estarão aqui. Quero que peça a Madre Lúcia para me ver, de qualquer jeito, amanhã.

– O que está havendo?

– Vou precisar de ajuda.

– Saia daqui, Léo. Volte para o quarto onde estava, eu invento alguma mentira, mas não deixe que te vejam aqui, comigo.

– Não vou fazer isso, já tomei uma decisão e disso eu não posso mais fugir.

– O que está pensando em fazer?

Nesse momento, Madre Elisa passou pela porta que dá acesso ao pátio, acompanhada das outras madres. Ela lançou seu olhar sobre Léo e seu semblante demonstrava total insatisfação.

– Você quebrou todas as normas dessa instituição. Vai pagar caro por isso, rapaz. Não voltará a ver a luz do sol por um bom tempo.

Antes que ela pudesse se aproximar de Léo, Madre Lúcia se colocou em seu caminho, para tentar outra solução.

– Por favor, Madre superiora, não faça isso com ele. Ele só tem quinze anos, não pode privá-lo de sua liberdade.

– Foi para isso que ele utilizou a sua liberdade. Saia já da minha frente, Madre Lúcia, não me faça afastá-la de suas funções por causa dele. Alguma outra discorda de minha atitude?

Todas as outras permaneceram caladas. Madre Lúcia se entristeceu muito, pois sabia que Madre Elisa não mudaria sua opinião.

– Você parece querer mesmo me afrontar, não é? É essa a gratidão que você demonstra, com o lugar que te acolheu desde pequeno?

Léo permaneceu calado. Todos os meninos e meninas olhavam das janelas dos corredores, enquanto Amanda chorava ao perceber que o amigo sofreria um duro castigo, sem merecer.

Madre Elisa não tolerava o silêncio quando queria ouvir explicações, assim, fez com que Léo fosse encaminhado para um pequeno quarto, onde ficaria isolado, sem ter contato com colegas, sem atividades, privado de quase toda sua liberdade.

Uma Ajuda Valiosa

— Léo?

— Olá, Madre Lúcia. Que bom que veio.

— Amanda disse que queria me ver.

— Sim. Preciso de sua ajuda.

— Acho que não posso mais ajudá-lo. Sua situação ficou insustentável.

Madre Lúcia observou o pequeno quarto em que Léo estava, o local era bem pequeno e só havia espaço para uma cama.

— Ela voltou e perseguiu Amanda, novamente.

A Madre sentou-se ao lado de Léo e fixou seu olhar nele.

— Não ouvimos nada de estranho ontem, Léo. A não ser, é claro, o grito de Amanda.

— Não foi ela quem gritou. A senhora precisa acreditar em mim, ela não descansará enquanto não atingir o seu objetivo.

— Fica difícil acreditar em uma história dessas, mas, se for verdade, o que ela quer com Amanda?

— Não sabemos.

— O que quer que eu faça?

— Preciso sair desse quarto, hoje, antes de uma e meia. Tenho certeza de que ela vai voltar e acho que sei como destruí-la.

— O que está me pedindo é um absurdo, Léo. Se Madre Elisa desconfiar, estarei perdida.

— Então me tire daqui hoje à noite, e eu lhe mostro que não estou mentindo.

Madre Lúcia sentiu um leve arrepio com o que lhe fora proposto.

— Certo. Mas se estiver mentindo para mim...

— Eu jamais faria isso.

— É, eu sei. E como pretende livrar Amanda desse pesadelo?

– Ainda estou pensando em alguma coisa, tudo o que sei é que aquela bruxa pode ser ferida. Agora só posso adiantar que tenho uma ideia.

– Bem, já vou indo. Uma hora, em ponto estarei aqui.

– Obrigado. Não me esquecerei disso. A senhora conseguiu verificar sobre aquele episódio que envolveu o antigo jardineiro?

– Ainda não, mas vou tentar. Cuide-se.

Madre Lúcia deixou o quarto, trancando-o em seguida. Ao dar dois passos pelo corredor, ela se deparou com Madre Elisa, que aguardava pela chave do quarto.

– Aqui está a chave. Obrigada por me deixar vê-lo.

– Não deveria, mas quem sabe assim ele não pensa melhor sobre essa mentira toda.

– Torço para isso.

– Bem, Madre Lúcia não estou me sentindo muito bem, portanto vou descansar um pouco em meu quarto. Em pouco tempo descerei para minha sala, tenho muitas coisas a fazer.

– Sim senhora. Espero que melhore.

Madre Lúcia seguiu, rapidamente, até as escadas e logo chegou à entrada do orfanato. À sua direita estavam as salas, onde algumas colegas trabalhavam desde cedo. Caminhando, naturalmente, ela passou por uma delas e certificou-se de que não havia ninguém no corredor, naquele momento.

Sem vacilar, girou a maçaneta da porta de uma das salas e entrou. Seu corpo estava tremendo e o coração batia acelerado. Após ficar parada por alguns instantes, caminhou com cuidado na direção de um grande arquivo, que continha várias gavetas e que ficava logo atrás de uma grande mesa.

Sobre ela, o nome de Madre Elisa estava exposto ao lado de vários papéis e documentos. Madre Lúcia sabia os riscos que estava correndo, mas mesmo assim decidiu seguir em frente para apurar algumas informações importantes. Ao abrir a gaveta, onde ficavam as pastas que continham informações dos funcionários do orfanato, ela encontrou algo que lhe chamou muita atenção. Sem perder tempo, ela leu com cuidado as informações e ficou muito surpresa com o que descobriu.

Mais uma noite chegara e o orfanato Santa Clara já se encontrava em silêncio, pois todos já estavam em seus dormitórios. Os relógios do orfanato marcavam meia-noite e meia, quando Madre Lúcia saiu de seu quarto sem ser percebida. As luzes estavam apagadas, mas a luminosidade vinda da lua penetrava pelas grandes janelas e iluminava um pouco, o imenso corredor.

Ela o percorreu com extremo cuidado, passando por vários outros dormitórios, até chegar ao quarto em que Léo estava. Lentamente, ela destrancou a porta e notou o espanto do garoto ao vê-la chegar antes do horário combinado.

– Madre Lúcia? O que faz aqui, agora?

– Não podia mais esperar, Léo. Minha vontade era chegar antes, mas tive que aguardar minha colega pegar no sono.

– Por que não veio uma hora, como combinado?

– Descobri informações muito importantes, que ficaram ocultas todo esse tempo.

– Tem algo a ver com Amanda, não tem?

– Sim. Espere um pouco.

A madre certificou-se de que não havia ninguém por perto, para depois fechar a porta. Léo mostrou-se curioso.

– Como fez para pegar a chave daquela megera, novamente?

– Não foi tão difícil; quando entrei aqui, mais cedo, eu já trazia comigo outra chave, quase idêntica a essa. Assim, tudo o que fiz foi dar a ela a chave falsa e ficar com a verdadeira.

– Se ela resolvesse vir aqui, as coisas não ficariam nada boas para a senhora.

– Eu sabia que ela não viria. E depois, ela estava se queixando de um mal-estar, daí concluí que não viria mesmo. Agora quero que me escute.

Léo estava ansioso pela informação de Madre Lúcia.

– Aquele senhor que ficou durante certo tempo conosco e se envolveu com aquele incidente na biblioteca...

Antes que a frase fosse finalizada, ambos escutaram um ruído, que veio do lado de fora do quarto. Era um barulho semelhante ao de uma pessoa correndo. Léo se levantou, colocou sua mochila nas costas e antes de se dirigir para a porta, olhou bem nos olhos daquela grande amiga.

– Desde já, quero agradecer por tudo o que fez por mim. Durante todos esses anos, você foi a única que mostrou ser uma amiga verdadeira.

Madre Lúcia não entendeu o significado daquele agradecimento.

– Parece que está se despedindo de mim. O que tem nessa mochila?

– Apenas o necessário para vencermos aquela bruxa. Precisamos tirar Amanda daquele quarto, antes que ela chegue.

– Não quer saber o que descobri na sala da diretora?

– Temos que sair daqui primeiro. Alguma coisa passou correndo por aqui, se aquela bruxa conseguir pegar Amanda, não a veremos nunca mais.

– Pode estar certo que sim. Vamos até o dormitório dela.

– Parece que sua descoberta fez com que acreditasse em nós, não é?

– Você vai entender.

– Vamos então.

Léo passou primeiro pela porta e verificou se havia alguém no corredor. Madre Lúcia saiu em seguida e acompanhou o corajoso garoto rumo ao dormitório feminino. Quando ambos passaram em frente a outro corredor, onde estavam situados os quartos das mães, levaram um susto ao notarem a presença de alguém.

– Marcelo? O que você está fazendo aqui?

– Amanda me pediu para que ficasse com ela. Disse que sairia do quarto, antes de uma hora, mas até agora, nada.

Madre Lúcia pediu aos dois que ficassem em silêncio, enquanto ela entraria no quarto das meninas para verificar se Amanda estava lá. Léo ficou feliz ao rever o amigo e também pela sua coragem.

– Foi você quem passou correndo, próximo ao quarto onde eu estava?

– Não. Subi as escadas e fiquei quietinho no corredor das madres. Amanda estava com muito medo e me pediu para arrumar algum lugar para que ela possa se esconder.

– Que estranho. Agora a pouco ouvimos alguém correndo por aqui.

Marcelo ficou um pouco espantado.

– Eu não ouvi nada.

Nesse momento, Madre Lúcia retornara e a expressão de seu rosto demonstrava preocupação.

– Más notícias: Amanda não está no quarto.

O confronto final

— **M**arcelo, você tem certeza de que ela combinou com você aqui?

— Tenho. Ela queria um lugar para se esconder, mas disse que me encontraria aqui, no corredor.

Enquanto os dois garotos discutiam sobre o sumiço da amiga, madre Lúcia avistou, através da janela, algo que lhe chamou a atenção.

— Fiquem quietos, por favor. Acho que vi alguma coisa, lá fora.

Léo e Marcelo também olharam, mas nada conseguiram enxergar.

— Conseguiu ver o que era, madre?

— Não, Léo.

— E se for Amanda?

Após as palavras de Marcelo, Léo e madre Lúcia ficaram pensativos. Segundos depois, os três seguiram na direção das escadas e desceram até a porta principal, que se encontrava aberta. Apesar de todos estranharem o fato, passaram, rapidamente, por ela e logo já estavam do lado de fora. Havia um muro, de aproximadamente dois metros e meio de altura, que circundava todo o orfanato. Ao lado do portão, ainda pelo lado de dentro, havia algumas árvores e plantas. Como estava escuro, seria impossível verificar se havia alguém escondido, ali.

— Acho que não tem ninguém aqui. Vamos voltar para dentro, talvez ela esteja em outro lugar.

Ao término de sua fala, madre Lúcia virou-se na direção da porta e levou um grande susto; Amanda estava imóvel, bem à sua frente. Léo e Marcelo foram de encontro a ela e se mostraram felizes por vê-la bem.

— Amanda, o que houve? O que faz aqui fora?

A garota estava assustada e tremia bastante.

— E... Ela voltou, Léo. Está atrás de mim.

Os três ficaram preocupados. Léo tentou acalmar a amiga.

– Calma, Amanda. Vamos escondê-la em algum lugar, tenho um plano para acabar com essa bruxa de uma vez por todas.

Madre Lúcia tinha o olhar de desconfiança.

– O que pretende fazer?

– Só preciso que fique com ela, madre.

– E eu? Quero ajudar também.

– Eu garanto a você, Marcelo, que depois de olhar no rosto daquela coisa, você vai mudar de ideia. Prefiro que fique com Amanda.

Antes que alguém manifestasse sua opinião, os olhos de Amanda demonstraram intenso pavor. Ela se segurou bem firme na blusa de Léo, enquanto madre Lúcia e Marcelo ficaram aterrorizados com a visão que estavam tendo. A bruxa flutuava, descendo lentamente do alto, até tocar o solo e ficar de frente para todos eles.

Com uma das mãos, ela retirou o capuz que cobria sua cabeça, revelando sua terrível aparência. Os olhos, vermelhos e brilhantes, possuíam a córnea no formato de fenda, semelhante aos olhos dos gatos; a boca, quando fechada, parecia ter um tamanho normal. Porém, quando aberta era possível visualizar, em grande quantidade, os dentes, finos, longos e pontiagudos, que só cabiam dentro da boca, devido à abertura ir de um lado a outro das orelhas.

E estas, eram grandes e pontiagudas. O rosto, que já era extremamente assustador, trazia as marcas do último confronto, quando Léo conseguira lançar ácido sobre ele.

O garoto teve dificuldade para fazer com que madre Lúcia e Marcelo entrassem, novamente, para o orfanato. Quando os quatro passaram pela porta, a bruxa arqueou as pernas e, com uma abertura total de sua boca, emitiu um ruído forte e pavoroso.

Madre Lúcia tentava acompanhar os três garotos, mas começava a sentir-se mal. Léo e os outros tentavam ajudá-la. Nesse momento, no corredor oposto de onde estavam, as portas de alguns quartos começaram a se abrir e algumas cabeças

já podiam ser vistas. Madre Lúcia, mesmo respirando com certa dificuldade fora enérgica.

– Voltem para os seus quartos e tranquem bem as portas! Aconteça o que acontecer, não saiam daí!

Um grande estrondo, semelhante a uma explosão, foi ouvido nesse momento. A porta principal, por onde passaram há poucos segundos, foi arremessada para frente, de forma violenta. Totalmente retorcida, ela caiu sobre a escada bloqueando a passagem.

Do meio da fumaça, a bruxa saiu em direção aos quatro. Naquele momento, o corredor parecia mais longo para eles. Amanda e Marcelo corriam na frente, enquanto Léo ajudava madre Lúcia. Ignorando as ordens, alguns garotos que estavam nos quartos, próximos à porta principal, mesmo em meio à fumaça viram aquele grande ser se dirigindo na direção de seus amigos. No andar superior, madre Elisa e outras superiores acordaram assustadas com o barulho. Elas instruíram às meninas para que ficassem em seus quartos, até segunda ordem. Mais abaixo delas, Marcelo corria desesperadamente, quase sem acreditar no que estava acontecendo.

– Para onde vamos, Léo?

– Sigam para o pátio.

Ao final do corredor, todos viraram à direita e chegaram à porta que dava acesso ao pátio. Amanda, que na noite anterior fizera o mesmo percurso, entrou em desespero ao constatar que a porta estava novamente trancada.

– Tudo bem, Amanda. Eu tenho a chave comigo.

Madre Lúcia, ainda com as mãos trêmulas, retirou a chave de uma pequena bolsa que trazia nas mãos. Na primeira tentativa, a pouca luminosidade dificultou a abertura do novo cadeado e a chave acabou caindo no chão. Marcelo se abaixou e começou a procurá-la. Um ruído estranho começava a ficar mais forte... A bruxa já estava se aproximando. Amanda estava apavorada.

– Rápido, Marcelo! Ela está chegando!

– Achei!

Marcelo abriu o cadeado e retirou as correntes da porta. Os quatro correram para o pátio e se esconderam atrás de um muro, com pouco mais de um metro de

altura. Léo e Marcelo ficaram observando a porta, mas de lá, ninguém saiu.

– Quero que protejam Amanda e não a deixem sozinha.

Madre Lúcia estava assustada e preocupada com Léo.

– Não tem de fazer isso sozinho, Léo. Não tente enfrentar aquela coisa, não se sabe o que ela pode fazer.

– Não me pergunte o motivo, mas sei que devo fazer isso. Aliás, chegou o momento de me descobrir. Quem eu sou, de onde vim.

– Não temos qualquer referência de seus pais aqui, Léo. Sinto muito.

– Não se preocupe, vou ajudar minha amiga e sair em busca dos meus objetivos.

Madre Lúcia sabia muito bem o que ele queria dizer; a lágrima que descia pelo seu rosto denunciava o amor fraterno que sentia por aquele jovem. Amanda e Marcelo permaneceram calados, porém, visivelmente abatidos. Quando Léo olhou por cima do muro, na direção da porta, ele avistou a bruxa que os procurava por todos os cantos do pátio.

Ele se virou para os outros, e com um gesto pediu que fizessem silêncio. A bruxa jogou alguns bancos de madeira para o alto, derrubou várias plantas, voou em algumas direções, mas não conseguia encontrá-los.

O local onde estavam era exatamente o limite do pátio com a quadra de esportes. Léo certificou-se de que dentro de sua mochila estava tudo o que precisava para enfrentar o monstro.

– Agora quero que vocês deem a volta e se escondam no quarto onde eu estava. Vou encarar essa coisa.

Amanda deu um beijo de agradecimento, no rosto do amigo.

– Jamais vou me esquecer de você. Obrigada, por tudo!

– Não há de quê! Agora vão!

Léo aguardou até que estivessem em uma distância segura, para depois se colocar de pé. Caminhando até o centro do pátio, logo foi percebido pela bruxa, que ainda sobrevoava o lugar. Vagarosamente, ela desceu e, novamente, tocou o solo.

Léo segurava, em cada mão, pequenas bexigas, contendo um líquido incolor. Quando a bruxa se aproximava, ele foi surpreendido com a aparição de madre Elisa.

– Como você saiu daquele quarto, rapaz? O que você pensa que está fazendo? Quase me machuco ao passar por cima daquela porta que foi parar na escada. Quero explicações e quero agora!

Léo olhou para madre Elisa e sorriu. Seu gesto, irônico, foi motivo suficiente para que ela se enfurecesse. Sem perceber a presença do estranho ser, ela começou a caminhar, até que escutou um ruído estranho; uma respiração forte e irregular. Ao olhar para o lado, a expressão do medo ficou visível em seu rosto. As forças pareciam tê-la deixado, pois suas pernas tremiam muito e quase não conseguiam mantê-la de pé.

O coração estava disparado; nunca antes imaginara se deparar com um ser tão horrível. A bruxa elevou-se aos ares e voou, até ficar frente a frente com a madre superiora. Esta, mal conseguia respirar, tamanho era o seu medo. Quando madre Elisa tentou correr, foi contida pela bruxa que a segurou firme pelos braços. Léo tentou agir neste momento, mas conteve-se ao ver que a madre estava correndo perigo nas mãos do mal. Ele abaixou uma das mãos e fitou com firmeza o estranho ser.

– O que você quer?

– *Amanda...*

– O que quer com ela?

Léo não obteve resposta. Ele se surpreendeu com a presença da amiga, que chegou de repente, e logo atrás dela chegaram madre Lúcia e Marcelo.

– O que faz aqui, Amanda? Pedi para que se escondesse.

– Estava observando tudo e não pude ficar escondida quando percebi que madre Elisa estava em apuros. Sei que ela nunca acreditou em nós, mas acho que pagou pelo que fez conosco.

Madre Lúcia estava bastante nervosa.

– Madre Elisa está em apuros, temos que fazer alguma coisa.

Ao ver Amanda, a bruxa estendeu uma de suas mãos na direção da garota e colocou madre Elisa à frente, como se estivesse propondo uma troca. Léo tentou impedir a amiga de fazer aquilo, mas ela já estava decidida. Madre Lúcia se desesperou ao vê-la iniciar a caminhada na direção daquele monstro.

– Léo, não podemos deixar que ela caia nas mãos dessa bruxa. Pelo que consegui descobrir, Amanda é filha do antigo jardineiro do orfanato e a última descendente de uma família, que durante muito tempo exterminou várias bruxas, como essa, por todo o mundo.

Léo e todos que estavam por perto ficaram perplexos com a notícia.

– O que? Como descobriu isso, madre Lúcia?

– Nos arquivos da sala da diretoria. Madre Elisa descobriu, após aquele incêndio na biblioteca, que o jardineiro havia ocultado seu verdadeiro nome. No hospital, no qual ele ficou internado, já havia um registro desse mesmo senhor, assim, ela pesquisou e descobriu várias reportagens e inclusive a última delas, que falava sobre o naufrágio de um navio, a poucos quilômetros da costa brasileira.

Amanda e seu pai foram os únicos que conseguiram fugir de um pequeno condado, em Portugal, onde parece ter havido uma grande e misteriosa batalha.

Amanda estava um pouco atordoada com a revelação de madre Lúcia. Agora era possível entender o motivo daquela perseguição.

– Então, o homem do tal incêndio... Era o meu pai? O que aconteceu com ele?

Madre Lúcia fez um grande esforço para que sua voz pudesse ser ouvida.

– Ele não resistiu, querida.

Amanda parecia estar em outro lugar, naquele momento. Aproveitando-se da distração da garota, a bruxa empurrou madre Elisa para um lado e se preparou para agarrá-la. Léo, porém, mais esperto, colocou-se à frente dela provocando a ira daquele temível ser.

Com grande força, a bruxa o jogou com violência fazendo-o bater contra a parede. Ela se enfureceu a tal ponto, que retirou a capa que cobria todo o seu corpo e teve seu tamanho duplicado. Seus pés tinham garras enormes e afiadas.

Seu corpo era coberto por escamas verdes e brilhantes; das costas surgiram duas grandes asas. Seus olhos pareciam mais vermelhos que antes e sua fúria também parecia ter aumentado. Voando até os céus, ela abriu totalmente as suas asas e desceu em uma velocidade assustadora. Léo estava preocupado com a segurança da amiga, agora mais do que nunca.

– Amanda, por favor, saia daqui rápido!

– Léo, o que vai fazer? Não terá chance contra esse monstro.

– Não se preocupe comigo, vá com Marcelo e Madre Lúcia para um local seguro.

Marcelo ajudou madre Elisa a ficar de pé e ambos seguiram para a porta que dava acesso ao interior do orfanato. Madre Lúcia e Amanda não teriam chances de chegar ao mesmo local, assim optaram por se esconderem em alguns arbustos que existiam ali perto.

Como uma grande ave, a bruxa descia em uma velocidade assustadora e de suas mãos pequenos brilhos começavam a ser percebidos. Logo, grandes esferas de energia foram lançadas contra Léo, que se desviava com extrema habilidade.

As esferas tocavam o solo do pátio e causavam fortes impactos. Todos os que observavam, das janelas dos corredores do segundo piso, ficaram desesperados com tamanho poder. Uma grande cortina de fumaça se formou dificultando a visibilidade no local.

Léo se preparou para lançar, a qualquer momento, as bexigas que estavam em suas mãos. De repente, surgindo do meio da fumaça, a bruxa lançou uma de suas asas contra ele, derrubando-o no chão. Ela colocou um de seus pés sobre o peito do rapaz e ficou observando-o com cuidado. Soltando um ruído horripilante, a bruxa se preparou para desferir um golpe certo em Léo, mas em um movimento rápido, ele atirou, de uma só vez, as duas esferas que estouraram ao tocarem o corpo do monstro.

Ela deu alguns passos para trás e seus ruídos podiam ser ouvidos a uma longa distância. Sem demora, Léo retirou da mochila um pequeno pedaço de madeira, contendo um pano velho enrolado a ele. Com um isqueiro, ele ateou fogo ao pano e se preparou para lançá-lo contra a bruxa. Havia algo diferente naquele

instante; de costas e com as asas esticadas para frente, o monstro permanecia imóvel, sem emitir qualquer ruído, totalmente sem reação.

Ao se aproximar, Léo observou que alguém estava caído, inconsciente, entre os arbustos, ali próximo. Com a iluminação causada pelo fogo, ele pôde perceber que se tratava de madre Lúcia. Seu coração bateu acelerado, e seu temor se confirmou momentos depois... Ao abrir as asas, Amanda apareceu. Presa aos braços daquele ser maléfico, ela não conseguia desvencilhar-se de suas garras.

Rumo ao Desconhecido

A bruxa sabia muito bem, o que Léo desejava fazer. Dessa forma, caminhou lentamente na sua direção, sempre com Amanda à frente, até ficar bem próxima a ele. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, o rápido movimento de uma das asas fez com que a tocha fosse jogada para bem longe.

Sem perder tempo, a bruxa agarrou a blusa de Léo deixando-o suspenso no ar. Mesmo com muito esforço, ele não foi capaz de segurar sua mochila. Um som estranho, semelhante a uma risada podia ser ouvido naquele momento. O fim parecia ser inevitável. Lentamente, Léo e Amanda perceberam que o chão começava a ficar mais distante.

Os olhares das madres e de todos que observavam a tudo, estavam aterrorizados. Madre Elisa, ainda apavorada, tentava se acalmar ao lado de Marcelo. Porém, ao olhar para o lado, ela percebeu que ele não estava mais, ali. Já a certa altura do chão, Léo e Amanda escutaram algo e logo depois, perceberam que a bruxa retornara ao solo do pátio.

Léo foi jogado para o lado, e mesmo no chão, ele notou que havia alguma coisa incomodando aquele ser. De repente, Marcelo surgiu com extrema valentia e tirou Amanda dos braços do mal. Olhando para o amigo, ele jogou, satisfeito, a mochila que estava em suas mãos.

– Léo, agora!

Léo olhou para a tocha que estava a poucos metros, mas que já se encontrava apagada. A bruxa, atingida pelo líquido das bexigas, iniciou uma corrida desenfreada em sua direção. Como não haveria tempo para acendê-la, ele decidiu tentar algo mais difícil. Partindo em direção à bruxa, Léo retirou um objeto de um dos bolsos.

Quando o contato foi inevitável, ele se desviou dando uma cambalhota, que o fez machucar um dos braços, devido à aspereza do chão em que se encontrava. A bruxa parou por alguns instantes e não conseguiu evitar o fogo que se espalhou por todo seu corpo.

O forte ruído quebrou algumas janelas do orfanato, mas não diminuíram as chamas que a consumiam. Tomando um grande impulso, ela tentou voar para longe, porém pouco tempo depois, seu corpo se desmanchou deixando um rastro de luz sob as estrelas no céu. Amanda e Marcelo correram na direção do amigo e perceberam um pequeno isqueiro que caíra de sua mão.

– O que havia dentro das bexigas?

– Querosene. Achei uma lata no quarto que fica aqui fora. Obrigado, Marcelo. Se não fosse você estaríamos perdidos.

Amanda concordou com Léo, Marcelo ficou muito feliz pelo reconhecimento. Nesse momento, as outras mães saíram para ajudar mãe Lúcia que estava caída no chão.

– Onde está minha mochila?

Marcelo entregou-a ao amigo, sob o olhar tristonho de Amanda.

– Vai mesmo fazer isso?

– Não há como ficar depois de tudo o que houve. Quero sair por aí e descobrir minhas origens. Tenho certeza de que vou conseguir.

– Vai voltar para nos ver um dia não vai?

– Jamais me esquecerei de vocês. Onde eu estiver, vocês estarão sempre comigo.

Amanda e Marcelo abraçaram o amigo com uma sensação de alívio e dor. Não queriam perder aquela grande amizade, mas entenderam que era o grande desejo de seu coração. Mãe Lúcia se apressou para falar com Léo, depois de ser socorrida pelas companheiras.

– Léo, sei que não poderia fazer isso, mas se quiser sair daqui, vai ter que ser agora. Mãe Elisa tomou conhecimento do que deseja fazer e não permitirá sua saída.

– Ela não poderá me impedir.

– Ela sozinha, não. Porém, quando essa confusão toda começou, uma das superiores chamou a polícia, que logo estará aqui. Venha comigo, há um portão que fica logo ali, atrás da quadra.

– Mesmo sabendo que poderá sofrer as consequências, vai me ajudar a sair?

– Você foi muito valente hoje e ajudou uma amiga a ficar livre de um inimigo terrível. Além do mais, você sempre manifestou o desejo de ser livre, de tentar achar as suas raízes. Sei que madre Elisa vai tentar fazer com que tudo isso não passe de mera história. O mundo lá fora reserva grandes perigos, você deve tomar cuidado.

– Obrigado por tudo.

Madre Lúcia abriu o pequeno portão que dava acesso à parte de trás do orfanato, enquanto do outro lado, a polícia chegava para averiguar o que estava acontecendo. Léo se despediu de seus amigos prometendo um dia voltar para revê-los.

Ele ajeitou a mochila em suas costas e saiu pelo portão. Uma tímida claridade já podia ser notada no horizonte. Em pouco tempo o sol surgiria, imponente, no céu. Léo desceu um pequeno caminho de terra, entre a grama bem verde, antes de chegar a uma pequena estrada. Dali, ele partiu para um mundo desconhecido, cheio de aventuras e muitos perigos.

Estranha Recepção

Após andar por algum tempo, Léo sentia-se cansado e faminto. A estrada que estava percorrendo parecia não ter fim. Ao longe, ele avistou um caminhão que se aproximava, e com as mãos, pediu carona ao motorista.

- Pra onde está indo garoto?
- Para a cidade mais próxima. Pode me deixar, lá?
- Entra aí.

Léo se sentiu aliviado, afinal de contas, o sol estava muito forte e a fome era grande. Tudo o que ele queria era chegar a algum lugar, descansar e comer alguma coisa. A viagem seguiu e cerca de uma hora depois, o motorista parou o caminhão na entrada de uma pequenina cidade.

- Aqui está bom para você?
- Está ótimo, senhor. Muito obrigado!

Léo desceu do veículo e observou o lugar onde estava. Momentos depois, o caminhão desaparecera na estrada deixando apenas um rastro de poeira. Havia uma pequena placa que indicava o nome da cidade, e logo atrás dela, uma rua de terra seguia, provavelmente, para o centro daquele local. Léo decidiu segui-la.

Pouco tempo depois, avistou uma pequena igreja e alguns estabelecimentos que ficavam do outro lado da rua. Ao lado da igreja, havia uma pequena barraca onde quatro homens conversavam. Ao avistarem Léo, três deles foram, rapidamente, ao seu encontro e pareciam nervosos. Todos aparentavam ter entre 28 e 30 anos. Antes que Léo pudesse cumprimentá-los, um deles se dirigiu a ele sem qualquer paciência.

- O que quer aqui, garoto?

Antes de responder, Léo observou bem o sujeito à frente dele. Usava um chapéu de couro marrom e botas do mesmo material. Dos três que ali estavam, era sem dúvida o mais alto e corpulento.

– Acabei de chegar e procuro por um lugar onde eu possa comer alguma coisa.

O sujeito olhou bem para Léo antes de falar novamente.

– Não nos leve a mal, mas pessoas de fora não são bem vindas aqui.

Léo estranhou muito a atitude daquele homem, suas palavras estavam carregadas de nervosismo e impaciência.

– Olhe, desculpe por perguntar, mas... O que há de tão errado em procurar um lugar para comer e descansar?

Quando os três homens se aproximaram ainda mais, uma voz feminina chamou a atenção de todos.

– Meu armazém não é grande coisa, mas acho que pode ajudá-lo.

A dona da voz era uma jovem mulher, que se aproximou com os olhos fixos nos três homens. Ela colocou uma de suas mãos no ombro de Léo e fitou os outros com um olhar sério e inquiridor.

– Há algum problema nisso, Pablo? João? E você, Augusto?

Os homens demonstraram certo desconforto com a atitude da mulher. Pablo foi o único a falar.

– Sabe que não gostamos de forasteiros, Dora. Nossa vila é muito pequena e não tem lugar para mais ninguém.

– Estou cansada disso. Vou levá-lo até o armazém para que possa fazer um lanche.

– Espero que depois ele vá embora. Não pode ficar.

Léo ficou surpreso com as duras palavras, que dessa vez foram ditas por um homem de menor estatura, dono de uma barriga bem avantajada e que tinha um palito seguro no canto da boca. A mulher olhou bem para cada um dos três, lançando-lhes um olhar de reprovação.

– Não vão me dizer o que fazer.

Gentilmente, ela conduziu Léo pela rua deixando os homens para trás. Passaram em frente à pequena igreja e viraram a esquina.

– Desculpe a falta de educação daqueles três, um dia já foram pessoas melhores, como muita gente daqui...

- Não tem problema. Obrigado pela ajuda.
- Não foi nada. Só fiz o que acho ser o certo.
- Porque pessoas de fora não são bem vindas?

Léo notou uma mistura de tristeza e nervosismo no olhar daquela mulher.

- Acho que está com muita fome, não está?
- É, estou sim.
- Bem, esse é o meu armazém. Vou preparar alguma coisa para você comer.

O estabelecimento era bem modesto; não havia mais que três prateleiras ou divisórias, onde os produtos ficavam expostos. Uma pequena registradora, antiga, ficava logo na entrada. Ao fundo, havia uma porta que dava acesso a uma casa que ficava logo atrás.

– Acho que ainda não nos apresentamos, não é? Meu nome é Dora, e sou dona desse local.

– Meu nome é Leonardo, mas sempre me chamaram de Léo.

– O que faz em Galhos, Léo?

– A história é um pouco longa, mas o que posso dizer é que estou rumando para a capital, em busca de informações sobre os meus pais. Tudo o que tenho deles é o sobrenome e uma foto muito antiga.

– É preciso ter muita coragem para fazer isso.

O olhar de Dora se perdeu sobre o balcão e fez com que Léo percebesse, novamente, certa tristeza que insistia em acompanhá-la.

– Alguma vez você já saiu daqui para visitar outros lugares?

– Nunca. Acho que jamais acontecerá.

– Desculpe por falar, mas noto uma tristeza em seu olhar que me incomoda.

– Não ligue pra isso. Desde pequena sou assim, minha mãe sempre me chamava de “chorona”. Bem, deixemos de conversa. Você deve estar faminto. Vou preparar um belo sanduíche e um suco bem gelado para você. Eu não demoro.

– Obrigado.

Dora se dirigiu até a porta, que fica nos fundos da modesta mercearia, e passou por ela fechando-a logo em seguida. Léo começou a caminhar,

vagarosamente, pelo lugar, observando os produtos, enquanto seu sanduíche estava sendo preparado.

Uma foto foi percebida por ele, quando passava próximo à registradora. Parecia ser Dora, ao lado de um homem e ambos estavam alegres e sorridentes. Aquela parecia ser outra pessoa, pois a tristeza e amargura que Léo percebera naquela mulher, não condiziam com a felicidade que estava explícita naquela foto.

Nesse momento, seus pensamentos foram interrompidos por um ruído que atraiu sua atenção. Ao olhar para trás, Léo percebeu que não estava sozinho. Um homem mais velho, aparentando ter mais de sessenta anos, estava parado bem à sua frente. Tinha cabelos brancos na cabeça, e a barba também era do mesmo tom.

Trajava uma blusa social, uma calça xadrez e um sapato preto. Pelo estado em que se encontrava a roupa, parece ter sido usada por muito tempo, pois suas cores já estavam desbotadas e o sapato já estava bastante desgastado. Ele trazia consigo uma bengala, na qual apoiava sua mão direita. Léo sentiu uma sensação estranha, com o olhar que aquele senhor lançava para ele.

– Não devia estar aqui garoto. Não devia ter entrado nessa cidade.

Dando alguns passos na direção daquele estranho, Léo percebeu que um dos olhos dele era de vidro.

– Desculpe, senhor, mas...

– Saia enquanto o sol ainda brilha ou vai se arrepender.

– Do que está falando?

– É melhor não perguntar... Vá, antes que seja tarde.

Léo queria saber do que aquele senhor estava falando, mas Dora retornou com seu lanche naquele momento e fez com que sua atenção se voltasse para ela.

– Venha comer, Léo. Caprichei no seu sanduíche.

– Muito obrigado, Dora, mas eu estava...

Quando apontou para frente, Léo percebeu que não havia mais ninguém no armazém.

– Você estava?

– Nada. Só estava olhando algumas coisas.

– Venha comer.

– Muito obrigado, Dora. Quanto ficou tudo isso?

– Não precisa pagar, essa vai ficar por conta da casa.

– Não sei nem o que dizer. Obrigado, mais uma vez.

– Já sabe como vai prosseguir a viagem?

– Na verdade, não sei. Acho que vou comprar algumas coisas aqui e voltar pra estrada. Quem sabe consigo uma carona?

– Você deve estar cansado. Duvido muito que consiga arrumar uma carona, a essa hora, naquela estrada. Espere um momento.

Enquanto Léo apreciava seu sanduíche, Dora foi, rapidamente, até a porta do armazém e verificou se havia alguém por perto.

– Tenho um saco de dormir, que fica guardado no armário, logo atrás de você. Se quiser, pode passar a noite aqui e partir depois.

– Mas... E aqueles homens? Se me virem aqui, vão se zangar, novamente.

– Não se preocupe com isso, não podem mandar em ninguém aqui.

– Por que estranhos não são bem vindos?

Dora demonstrou certo nervosismo com a pergunta. Léo notou o fato, mas ficou aguardando uma resposta.

– Algumas coisas estranhas aconteceram aqui, e coincidentemente, sempre quando havia pessoas de fora.

– Que tipo de coisas?

– Nada com o que deva se preocupar. Vou fechar o armazém e preparar um cantinho para você dormir. Daqui a pouco vai escurecer e você deve estar muito cansado.

Léo agradeceu a gentileza, mas não deixou de notar o nervosismo de Dora, com a pergunta que lhe fora feita. Havia alguma coisa de estranho naquele lugar. Enquanto terminava de saborear o seu sanduíche, não conseguia deixar de pensar naquele estranho, de momentos atrás, e nas palavras proferidas por ele.

Medo na Noite

A noite chegara à pequena cidade de Galhos, e com ela, o vento soprava forte e balançava as copas das árvores. Léo estava deitado dentro do saco de dormir, preparado por Dora.

Mesmo cansado, ele se pôs a pensar em tudo o que vira de estranho até ali. Com as mãos sob a cabeça, ele observava as estrelas através da janela, logo acima de onde estava. De repente, ele se surpreendeu com um barulho vindo da porta da frente.

Com um pulo, escondeu-se atrás de uma das prateleiras e ficou atento. Estava escuro, mas a sombra de uma pessoa, que abrira a porta e passara por ela naquele momento, pôde ser percebida por ele. Quando as luzes se acenderam, Léo recuou, mas sua presença provocou um inevitável grito de susto.

– Ei! Por favor, não grite.

– Quem é você?

– Léo.

– O que faz aqui?

– Ele vai ficar aqui esta noite, Vanessa. Não precisa se preocupar.

Dora estava de pé, em frente à porta dos fundos do armazém. Ela se aproximou e tratou de tranquilizar a jovem que acabara de chegar.

– Léo, quero que conheça a minha sobrinha, Vanessa.

Vanessa tinha dezessete anos e era muito bonita. Tinha cabelos castanhos e lisos, na altura dos ombros, olhos claros e um pouco de sardas no rosto.

– Prazer em conhecê-la, Vanessa. Meu nome é Léo.

– Desculpe pelo grito, mas é a primeira vez que entro aqui e vejo um visitante.

Nesse momento, Vanessa lançou um olhar interrogativo para a tia.

– Ele precisava de ajuda e de um local para passar a noite.

– Não quero incomodar. Amanhã mesmo irei embora.

– Estou com muito sono, você vem dormir, Vanessa?

– Já vou, tia.

– Como está a Rita?

– Melhor. Em alguns dias ficará boa.

Dora sorriu com satisfação e se retirou pela porta dos fundos. Vanessa demonstrava curiosidade em relação a Léo.

– Não é comum recebermos visitantes.

– É, eu percebi. Aliás, pessoas de fora não são bem vindas aqui, não é?

– Não concordo com essa nova mentalidade do povo daqui, mas, infelizmente, não posso fazer nada.

– O que há de errado nisso? Quando cheguei, três homens nervosos, quase me escoraçaram daqui.

– Você deve estar falando de João, Augusto e Pablo.

– Se não fosse pela sua tia, eu teria morrido de fome até encontrar outro lugar.

– É. Acho que ela também já está se cansando...

– O que há de tão grave em se receber visitantes?

Vanessa parecia um pouco nervosa, mas olhando nos olhos de Léo encontrou forças para superar o medo que estava sentindo.

– Não gosto de falar nisso, mas como você vai embora amanhã, acho que pelo menos poderá entender e não julgar mal a nossa cidade.

Léo estava com sua atenção voltada para Vanessa naquele instante.

– Moro com minha tia desde pequena, e pelo pouco que me lembro, essa cidade era mais bela e bem receptiva aos visitantes. As pessoas andavam felizes pelas ruas, as missas estavam sempre cheias e a praça abrigava os felizes casais de namorados. Galhos levava uma vida tranquila de cidade pequena, até que na festa da cidade, tudo começou a mudar.

Léo notou que o semblante de Vanessa estava triste. Nesse momento, ambos se surpreenderam com a presença de Dora. Silenciosamente, ela retornara para se juntar a eles.

– Sabe que não poderia falar sobre isso com ninguém, não é?

– Desculpe, tia, mas isso vem me sufocando há algum tempo.

– Eu sei, a mim também.

Léo olhou firme para Dora e desejou saber o que acontecera.

– Por favor, Dora, conte-me.

Vanessa segurou a mão da tia e fez um sinal positivo com a cabeça.

– Ninguém saberá. Não me lembro bem o que aconteceu naquela festa, mas a senhora sim. Se não podemos fazer muito, pelo menos podemos compartilhar essa tristeza que assola os nossos corações.

Dora concordou com as palavras da sobrinha.

– Bem, Léo, a festa era uma tradição da nossa cidade. Na data de sua fundação, todos os moradores organizavam o festival preparando comidas e bebidas para o evento. Na última festa, há quase dois anos, um grupo de quatro ou cinco pessoas chegou aqui e ficou para presenciar a festança. Até aí, estava tudo bem.

O problema é que eles eram arruaceiros, e estavam causando muitos problemas. No dia da festa, alguns moradores decidiram expulsá-los daqui. Eles formaram um grupo, com dez homens e foram atrás deles.

Poucas horas antes do início das festividades, essas cinco pessoas foram encurraladas na mata, próxima à montanha que fica atrás da cidade. Quando o grupo de moradores retornou, a festa já estava em andamento e cinco dos dez homens, não retornaram.

Léo pôde ver algumas lágrimas que brotavam dos olhos de Dora.

– Mas o que aconteceu lá?

– Ninguém sabe. Os que voltaram não conseguiam ou não quiseram explicar o que ocorreu, mas de longe se podiam ouvir os tiros. Desses cinco que não regressaram, dois foram encontrados desacordados, próximos à mata, algum tempo depois, pelo nosso padre.

– Mas, não é possível que nenhum deles saiba o que aconteceu a esses que não retornaram.

Vanessa abraçou a tia que não conseguia conter as lágrimas.

– Não me lembro muito bem de detalhes, mas consigo recordar que todos os que chegaram, pareciam muito assustados. Quando as pessoas perguntavam o

que havia acontecido, eles simplesmente diziam que aqueles que estavam causando problemas, não voltariam mais.

– E não voltaram?

– Não.

Dora ergueu a cabeça e mostrou uma foto, que estava debaixo do balcão, onde ficava a registradora. Léo já a tinha visto, porém, agora pôde vê-la com mais calma.

– Esse ao meu lado é Christian. Era o meu namorado e um dos homens que nunca mais regressaram daquela mata.

– E ninguém tentou encontrá-los, não fizeram uma busca pela região?

– Sim, mas nada foi encontrado. Eles, simplesmente, desapareceram.

Vanessa percebeu que Dora estava muito abalada por recordar tudo aquilo, por isso a convenceu a voltar para casa e dormir um pouco. Léo entendeu o olhar de Vanessa e se pôs a pensar, agora sozinho, sobre tudo o que lhe fora dito. – “Por isso os visitantes não são bem vindos aqui. Mesmo assim, há alguma coisa muito estranha nesse lugar”. – Em meio a seus pensamentos, sua atenção foi atraída por um ruído que vinha do lado de fora.

Caminhando devagar, aproximou-se da janela e avistou o mesmo senhor, que no final da tarde estava dentro do armazém. Ele estava de pé, no meio da rua, olhando fixamente para a janela. Léo avistou as chaves de Vanessa, que ainda estavam na porta de entrada, e aproveitou para sair ao encontro do estranho homem. Ao se aproximar, o velho ergueu a bengala na sua direção e lançou-lhe um olhar de reprovação.

– Devia ter feito o que eu disse.

– Escute, senhor, não quero causar transtornos. Não vou ficar aqui, só estou de passagem.

– Terá sorte se eles não vierem atrás de você.

– Quem são eles?

– Eles são terríveis. Ninguém entra aqui sem ser percebido. É melhor se esconder bem, pois a noite ainda será longa.

– Não tenho medo. Só gostaria de saber o motivo de não poder ficar.

O velho abaixou sua bengala e deu alguns passos na direção de Léo. Ele fitou-o bem nos olhos e percebeu algo de especial.

– Você tem espírito forte, garoto. É corajoso, gosto de pessoas assim. Mas nem isso será capaz de salvá-lo. Vê esse olho de vidro que tenho aqui? Foi a única coisa que consegui com a minha coragem. Rezarei para que eles não venham esta noite, assim você poderá partir em segurança amanhã.

– Espere, por favor! Senhor?

O velho não deu ouvido a Léo. Caminhou mais depressa, até desaparecer ao virar a esquina. Léo lamentou muito a falta de uma informação mais precisa. Na sua mente, um turbilhão de informações deixava-o confuso sobre todo aquele mistério. Afinal de contas, quem seriam eles?

Talvez Léo não precisasse pensar por muito tempo; um ruído muito estranho estava vindo da parte de trás da igreja. Algo muito grande estava se locomovendo bem depressa, na sua direção.

* * *

Léo percebera um grande vulto se movendo na sua direção e retornou para o armazém. Chegando lá, fechou bem a porta e controlou sua respiração para que não pudesse ser ouvido. Nesse momento, uma sombra pôde ser vista passando sob a porta. Léo escutou um ruído estranho, como o de um grande animal farejando alguma coisa.

Um rosnado forte e constante, também foi ouvido. Parecia vir de um animal bem grande, não podendo ser de um cão ou de um lobo, pois o som era totalmente diferente de tudo o que Léo conhecia. Seu corpo estava tremendo, havia algo lá fora que parecia farejar, freneticamente, em busca de alguma coisa.

As palavras daquele senhor começavam a assustá-lo. Em poucos instantes, o enorme animal deixou a porta de entrada e se deslocou pela varanda. Apesar de o local estar escuro, a pouca luminosidade que passava pelas janelas foi capaz de mostrar a Léo, uma visão aterrorizante: uma grande sombra se projetou no chão e nas prateleiras do lugar, desenhando aquele ser pavoroso, que ficara de pé naquele momento.

Nem mesmo aquela bruxa do orfanato foi capaz de provocar tamanho medo em Léo. Pouco depois, os ruídos começaram a ficar mais distantes. Talvez aquela criatura não o tivesse visto entrar ali. Tudo o que Léo queria era descansar.

Os passos, bem pesados, podiam ser ouvidos, agora, do lado da outra parede. Nela, havia uma janela menor, mais no alto, que estava aberta. Pelo seu tamanho e sua altura, talvez não fosse possível que algo tão grande passasse por ali. Com essa dedução, Léo ficou no mesmo local, sem se mexer. Os barulhos não podiam mais ser ouvidos e a certeza de que aquela criatura havia se retirado, fez-se presente.

Um silêncio total pairou sobre o lugar. De repente, antes mesmo de se levantar, Léo assistiu, apavorado, a tentativa daquele ser desconhecido, em passar pela pequena janela. A cabeça era enorme e o volume de pelos era muito grande. A criatura emitia sons aterrorizantes e tentava, freneticamente, adentrar ao local através daquela pequena abertura.

Léo podia ouvir os sons de garras, que raspavam a parede e tentavam impulsioná-lo para poder entrar. O coração estava disparado, jamais vira algo tão apavorante em sua vida. Com a escuridão, não foi possível enxergar o que poderia ser aquilo, mas tinha a certeza de que não tinha qualquer informação sobre um animal tão grande.

A criatura, à medida que farejava, fazia um esforço maior para chegar à parte interna do armazém, porém, apenas sua cabeça conseguira passar. Léo se impressionou com a força daquele ser; mesmo não conseguindo entrar, ele não desistia. Não havia como fazer qualquer coisa, Léo estava encolhido ao lado da porta e seus olhos não conseguiam enxergar nada.

Nesse instante, a janela começou a se desprender da parede. Pequenos pedaços começaram a cair sobre os produtos que estavam na prateleira, localizada logo abaixo. Em pouco tempo, a criatura entraria e, facilmente, localizaria Léo. Porém, algo chamou a atenção daquele ser.

Um estrondo foi ouvido bem próximo ao armazém. O som se assemelhava com o de um rojão. A saída da criatura foi brusca e rápida. Ao correr, ela causou

um estremecimento em todo o local. Suas pisadas podiam ser sentidas e causavam uma terrível sensação.

Mesmo com todo o silêncio que se seguiu, Léo não quis se mover temendo uma nova investida daquele pavoroso animal. O que poderia ser aquilo? Sua mente estava confusa, e somente agora podia compreender as palavras daquele senhor. Seus olhos se fecharam para recordar tudo o que vira e ouvira naquele dia tão estranho. De repente, Léo sentiu que alguma coisa o agarrara. Assustado, ele abriu os olhos e constatou de que se tratava de Dora.

– Você está bem?

– Não... Não sei. Nem sei como explicar o que houve...

– Não precisa. Achei que não correria perigo, por apenas uma noite, mas vi que me enganei. Você foi muito corajoso, mas deve ir embora amanhã mesmo.

– O que era aquilo?

– O importante é que já foi embora. Durma, amanhã você ficará bem.

O cheiro de pólvora foi sentido no ambiente, e Léo percebeu que fora Dora, a responsável pelo estrondo que afugentara a criatura. Mesmo depois do susto, Léo deitou-se novamente. Cansado, o sono chegou e ele dormiu profundamente, sob o olhar triste e assustado da nova amiga.

Perigo nas Montanhas

A través da janela, Léo observava o fraco movimento de pessoas que transitavam na rua. Aqueles que passavam e percebiam sua presença, pareciam demonstrar medo. Olhavam para ele como se fosse alguém muito diferente dos outros.

Léo se afastou e preferiu averiguar a pequena janela, pela qual a criatura da noite anterior tentara entrar. Ela encontrava-se bastante danificada. Pedacos da parede em volta dela haviam se soltado e o local estava empoeirado e sujo.

– Não se preocupe, daqui a pouco eu darei um jeito nisso.

Léo sorriu para Dora, que se aproximou trazendo nas mãos uma bandeja, com um apetitoso café da manhã.

– Obrigado, Dora. Não precisava se preocupar.

– Precisava sim. Não pode sair por aí de estômago vazio.

Nesse momento, Vanessa também chegara ao local e notou que a parede e a janela estavam danificadas.

– O que houve aqui?

Dora lançou-lhe um olhar fazendo com que se calasse. Léo percebeu e não entendeu o motivo.

– Uma criatura, muito grande, tentou entrar aqui ontem à noite. Jamais vi qualquer coisa parecida em toda a minha vida.

Vanessa ficou receosa e se limitou a disfarçar seu nervosismo.

– O que foi, Vanessa? Sabe o que era aquilo?

Vanessa respondeu negativamente com a cabeça, mas demonstrava certa inquietude. Léo virou-se para Dora, na tentativa de arrancar alguma informação mais concreta.

– Talvez Vanessa não tenha ouvido nada, mas você sim, não é? Sabia que eu estava em perigo e conseguiu afugentá-lo com foguetes. Estou certo?

Dora parou o que estava fazendo e manteve o olhar fixo na parede, como se estivesse olhando para o vazio.

– Por favor, conte-me o que está acontecendo aqui. Talvez eu possa ajudar.

– Você não entende, ninguém pode ajudar. O que aconteceu ontem, só aconteceu por minha causa. Não deveria tê-lo convidado a ficar aqui.

Léo não conseguia entender o mistério daquela gente. Ele tinha certeza de que Dora sabia muito bem o que era aquela feroz criatura, mas por algum motivo, ela se recusava a dizer.

– Bem, eu lamento ter causado transtorno. Já estou indo. Muito obrigado pela hospitalidade. Adeus!

Léo saiu pela porta e logo avistou os três homens do dia anterior, que se encontravam do outro lado da rua e olhavam fixamente para ele. Havia ainda, outras pessoas e o padre que estava em frente à igreja. O homem mais alto, Pablo, aproximou-se.

– Então, garoto, espero que esteja de partida.

Léo o olhou bem nos olhos e sentiu um leve arrepio. Antes que pudesse responder, Dora saiu pela porta do armazém e se colocou entre os dois.

– Deixe-o em paz, Pablo. Ele já está indo.

– Por culpa sua encontrei duas das minhas vacas, mortas, esta manhã.

– E no que ela tem culpa?

Pablo ficou nervoso com a pergunta.

– Não estou falando com você, garoto. Aliás, a sua presença aqui só fez piorar as coisas.

Léo não entendia tamanho rancor.

– Do que vocês tem tanto medo? Hã? É da tal criatura que tentou entrar, ontem à noite, no armazém?

Todos que estavam próximos ficaram imóveis. O padre se benzeu, entrou para a pequena igreja e fechou sua porta. Os dois homens, Augusto e João se aproximaram nesse momento. Pablo olhou para Léo e viu como uma afronta, a firmeza de seu olhar.

– Sabe o que eu acho? Acho que todos aqui sabem muito bem do que eu falei, mas não têm coragem de admitir.

Dora percebeu que os homens estavam ficando nervosos com o rapaz.

– Não dê mais nenhum passo, Pablo. Ele já está de saída.

– Vá embora, garoto. Você não sabe nada sobre a nossa vida, suma daqui!

Dora virou-se para Léo e segurou uma de suas mãos.

– Vá, por favor. Não volte mais aqui, este lugar não é bom para você.

Léo sentiu que as mãos da amiga tremiam muito. Antes de sair, ele avistou Vanessa e com um sorriso tímido se despediu. Sem olhar para trás, ele seguiu pela rua de terra, na direção da rodovia. Antes de voltar ao armazém, Dora foi segura pelo braço.

– Espero que não tenha contado nada para aquele garoto. E sorte dele se ele não voltar mais aqui.

– Solte-me! Tenho coisas a fazer.

Dora se desvencilhou de Pablo e voltou ao seu estabelecimento. Os três homens se entreolharam e saíram, rapidamente, na direção da estrada.

* * *

Léo seguia sua caminhada ao longo da estrada, a fim de conseguir uma carona. Como o sol não estava forte, ele se sentou em uma pedra e ficou aguardando. As imagens da noite anterior ainda incomodavam, mas decidiu não mais pensar sobre o acontecido.

Pouco tempo depois, bem ao longe, ele avistou uma caminhonete vindo na sua direção. Fazendo sinal com a mão, solicitou carona e alegrou-se ao ver que o automóvel estava diminuindo a velocidade. Quando o veículo entrou no acostamento, a poucos metros de distância de onde estava, a esperança se transformou em pesadelo.

Léo se surpreendeu ao perceber que Pablo era o condutor. Augusto e João estavam na carroceria e se levantaram assim que o veículo já estava quase parando. O coração de Léo batia acelerado, pois ele sabia que a presença deles não era um bom sinal.

Os dois homens pularam da carroceria e iniciaram uma corrida na sua direção. Pablo desligou a caminhonete e ficou aguardando ao lado dela. Não havia

outra saída, se não adentrar pela mata alta, que crescia, bem ao lado da estrada onde estava. De mochila nas costas, Léo iniciou uma descida desenfreada, rumo ao desconhecido.

A mata tampava sua visão, mesmo assim foi possível perceber que se tratava de uma descida, até certo ponto, bem íngreme. Os dois homens, como já conheciam melhor a região, desciam com mais agilidade e rapidez. Léo precisava ser rápido, pois no seu íntimo, sabia que sua presença na pequena cidade acabou incomodando algumas pessoas.

Não sabia o motivo, mas tudo o que vira no dia anterior, talvez não pudesse ser presenciado. Os homens já estavam bem próximos, Léo ouvia suas vozes e algumas risadas.

– Ei, garoto! Não tente escapar. Só queremos conversar com você!

Sem dar ouvido, Léo continuou descendo sem olhar para trás. Na medida em que descia, o som de água podia ser ouvido mais claramente. De repente, ele sentiu o chão lhe faltar e viu tudo à sua volta escurecer. Léo caíra em uma espécie de túnel que o conduzia, de forma rápida, na mesma direção em que seguia. Agora, as vozes dos dois homens não podiam mais ser ouvidas, pois a velocidade em que descia era muito rápida.

O som de água estava ficando cada vez mais forte, até que, momentos depois, o chão acabara e Léo se viu lançado, como em câmera lenta, ao ar, até cair em um rio que cortava a região.

Após dar algumas cambalhotas debaixo d'água, nadou até a margem e certificou-se de que a mochila ainda estava nas costas. Sem sofrer qualquer ferimento, ele visualizou a altura de onde foi jogado e quase não acreditou, pois era muito alto. A região em que estava parecia ser tranquila.

Havia uma mata mais fechada, com árvores de copas altas, do lado da margem onde estava, e, seguindo o curso do rio, ele pôde avistar uma região montanhosa, que circundava todo o lugar e findava do outro lado da mata. Pensando um pouco sobre sua localização, ficou convencido de que estava exatamente no local, ou próximo a ele, onde ocorrera o episódio a que Dora havia se referido.

Um calafrio correu pelo seu corpo, mas estava satisfeito por não ter sido pego por aqueles homens. O grande desafio agora seria cruzar as montanhas e chegar à cidade de Galhos, novamente. Ele só não contava com um pedaço de tronco de árvore, que o fez tropeçar e cair com a cabeça em uma pedra, fazendo-o perder os sentidos.

* * *

O som das águas fez Léo ter a certeza de que ainda estava vivo. A cabeça ainda doía muito, mas, por sorte, não havia sido nada mais grave. Devagar ele se levantou e percebeu que ficara desacordado por um tempo considerável. O sol quase não podia ser visto, a tarde já estava no fim e a noite se aproximava.

Léo sabia que passar a noite, naquele lugar, sozinho, não era nada seguro. Porém, tentar atravessar a mata ou subir as montanhas, tornava-se muito arriscado. O ideal seria localizar um lugar para passar a noite, e na manhã seguinte voltar à cidade. Enquanto pensava, Léo caminhava seguindo o leito do rio até chegar próximo à entrada da mata. A escuridão já se fazia presente, obrigando-o a improvisar uma tocha, para que pudesse enxergar alguma coisa. Alguns uivos foram ouvidos em diversas partes da montanha.

Léo estremeceu, mas sentiu-se reconfortado por tê-los ouvido mais ao longe. Nesse momento, um ar quente soprou, vindo das árvores que estavam à sua frente. Um uivo se seguiu e fez as copas das árvores tremerem pela proximidade do local de onde fora emitido. Léo sentiu seu corpo congelar, pois logo após o uivo, o som de pisadas, como as de um grande animal correndo, ecoou por todo o lugar.

A cada pisada, sentia-se um leve tremor no chão. Alguma coisa estava vindo depressa. Léo não teve dúvidas; tratava-se da mesma criatura da noite anterior. Era preciso ser rápido e achar um local para se esconder. O rosnado da fera parecia estar mais forte naquela ocasião, sem perder tempo, Léo correu para a árvore mais próxima e subiu com extrema habilidade.

Com o coração acelerado, ele sentiu a árvore estremeecer com a aproximação daquela criatura. Seus olhos ficaram espantados com o que viram: a

fera era totalmente coberta por pelos, possuía orelhas grandes e pontudas, grandes patas com garras afiadas e grossas. Absolutamente quieto, ele observou o animal, que se parecia muito com um lobo, saindo da mata para farejar o local onde estava momentos atrás. A lua brilhava forte no céu e iluminava toda a área aberta.

Quando a criatura ficou sobre duas patas e emitiu um ruído apavorante, Léo quase foi ao chão. A fera parecia procurar por algo, desesperadamente.

Seus olhos eram grandes e amarelos. Na boca havia vários dentes, dois deles, os caninos, projetavam-se para fora, mesmo com a boca do animal permanecendo fechada. Tudo o que Léo podia fazer, naquele momento, era torcer para que a criatura não pressentisse que ele ainda estava ali.

Momentos depois, o monstro teve sua atenção atraída para outro lugar. Emitindo um som forte, e com os dentes à mostra, a fera se pôs a correr em uma determinada direção. Léo sabia que não poderia permanecer ali, assim, esperou certo tempo antes de descer e iniciar a volta, passando pelas montanhas.

* * *

Vanessa ajudava a tia na arrumação das prateleiras do armazém, enquanto ela fazia alguns cálculos com o pouco dinheiro que estava na registradora. Dora parecia distante e pensativa.

– O que foi, tia? É o Léo, não é?

– É. Não gostei do jeito como ele foi tratado. Não deveria ter saído daquela maneira.

– Quando isso vai acabar? O que podemos fazer para a cidade voltar ao normal?

Dora segurou firme as mãos da sobrinha e olhou no fundo dos seus olhos.

– Essa cidade foi amaldiçoada desde o dia daquela tragédia. Desde então, sempre que recebemos visitantes, alguma coisa de ruim acontece. Se ao menos soubéssemos o que houve naquela mata... Poderíamos tentar entender.

– Pelo menos, Léo estará seguro longe daqui.

– É o que eu espero...

Vanessa viu, através dos olhos da tia, que não estavam mais sozinhas naquele instante. Um senhor de bengala estava à porta olhando para elas. Dora se levantou e encarou o visitante.

– Senhor, Silas? Está precisando de alguma coisa?

– Não, Dora. Estava apenas passando e resolvi entrar. Como vi que a porta não estava fechada... Espero não ter interrompido nada.

– Não. Fique à vontade.

– Não pude deixar de ouvir sobre o que estavam conversando, e também acho que esse mal que nos assola deve ser combatido por nós. A jovem tem razão quando questiona sobre o que pode ser feito.

Vanessa ficou contente com as palavras de Silas.

– Sabe, aquele rapaz que estava aqui tinha algo de diferente. Eu o alertei sobre os perigos da cidade, mas vi nos olhos dele que o espírito de coragem que tem, falou mais alto.

Dora olhou para a janela, ainda danificada, e lembrou-se de Léo.

– Ele não tem nada a ver com o que se passou aqui, a essa hora, tomara Deus, já deve ter chegado em algum lugar onde possa ficar sem sentir medo.

Silas deu alguns passos até se aproximar da mulher.

– Queria falar sobre isso também. Sabe que passo dias a fio, sentado no teto de minha casa observando toda a região, não sabe?

Dora assentiu com a cabeça.

– Ainda tenho esperança de ver meu filho voltar de lá. Quando vi esse garoto seguir para a estrada, vi também Pablo, Augusto e João pegarem a caminhonete e seguirem para o mesmo lugar.

Dora e Vanessa tiveram a mesma reação nesse momento. Elas não compreenderam o que os levava a irem de encontro a Léo.

– O que eles foram fazer?

– Não sei, Dora, mas não acredito que seja boa coisa. Perdi o veículo de vista na saída para a rodovia. Vamos torcer para que ele esteja bem.

Vanessa estava atônita.

– Amanhã mesmo vou perguntar a esses três, o que foram fazer lá.

– Não faça isso. Faça como eu; evite essas pessoas. Desde aquele maldito dia, eles e os outros que voltaram daquela mata, nunca mais foram os mesmos.

– O que vamos fazer, então? E se, por algum motivo, eles fizeram algum mal a Léo?

Silas e Dora se olharam, enquanto Vanessa aguardava uma resposta.

– Amanhã vou caminhar pela região e ver se descubro alguma coisa. Voltarei amanhã, no mesmo horário. Não quero mais ficar esperando, quero achar uma explicação para tudo isso.

Dora e Vanessa concordaram com o velho Silas. Este se encaminhou até a porta, para regressar a sua casa. Antes de sair, olhou para a pequena janela no alto da parede.

– Pensei que haviam desaparecido, mas vejo que me enganei. O garoto teve sorte, ele não teria chance. Ainda bem que estava atenta, Dora.

Vanessa e sua tia se abraçaram, torcendo pelo bem-estar de Léo. Em seus corações, ainda havia esperança de que a cidade pudesse ver terminada, aquela terrível maldição.

A Gruta

Léo seguiu caminhando entre as árvores, guiado apenas pela luz da lua cheia que iluminava toda a região. Em sua mochila ainda havia alguns produtos como as bexigas de querosene e pano velho, com os quais poderia acender uma tocha, mas preferiu não fazê-lo, pois não queria chamar a atenção daquela fera.

Depois de caminhar por alguns minutos, ele percebeu que a lua fora encoberta por alguma coisa. Léo não teve dúvidas; ele estava no início da montanha. Agora ele precisaria atravessá-la para chegar ao vilarejo. O trajeto a ser feito era, exatamente, do lado oposto de onde se encontrava a rodovia. No início da subida, Léo encontrou dificuldades para passar através da mata, que estava muito alta naquele local.

Com muito esforço, ele alcançou uma parte mais alta, onde havia algumas pedras grandes, e decidiu sentar-se para comer alguma coisa. Da mochila retirou alguns biscoitos que comprara no armazém de Dora.

A noite estava com um clima agradável e o vento começou a soprar. Observando bem a mata, densa, que estava mais abaixo, Léo notou algo de diferente na agitação das folhas.

Estava escuro, mas havia alguma coisa estranha que chamara sua atenção. As folhas se agitaram em um único ponto, e logo depois, em outro, como se estivesse ocorrendo um deslocamento de algo muito grande. De repente, as folhas daquela densa mata foram se deslocando, fazendo com que Léo percebesse o perigo que se dirigia na sua direção. A criatura de instantes atrás, não havia ido embora.

Ela se locomovia, rapidamente, e em pouco tempo o alcançaria. A mochila foi fechada e os biscoitos se espalharam pelas pedras, durante a ação desesperada para sair daquele local. Um forte uivo foi ouvido pela região. Léo tentava correr, mas a subida estava se acentuando e pequenas pedras o faziam escorregar.

Naquele momento, já era possível ouvir os pavorosos ruídos emitidos pela criatura e o som de suas patas tocando o solo. Ela já estava bem perto. Uma grande pedra tornou-se a única proteção encontrada por Léo, e estava localizada um pouco mais acima de onde se encontrava. Antes que a fera começasse a subir, ele correu até a pedra, e agachado, escondeu-se para não ser percebido. Quase no mesmo instante, a enorme criatura saltou do meio da mata e iniciou uma ruidosa subida.

Léo escutava, encolhido, o som apavorante das garras em contato com as pedras. A fera parou de repente e começou a farejar todo o local. Léo olhou, cuidadosamente, por baixo da pedra, na tentativa de enxergar o grande animal, mas a escuridão apenas o permitia ver um enorme vulto, que naquele momento parece ter encontrado alguma coisa no chão.

A criatura farejava muito alguma coisa que estava espalhada pelo local. O garoto se lembrou dos biscoitos que deixara cair ao sair correndo. Enquanto a fera se mostrava interessada pelos biscoitos, Léo retirou uma de suas bexigas inflamáveis da mochila.

Ele sabia que o cheiro dos biscoitos, logo atrairia a criatura ao lugar onde estava escondido. Segurando a bexiga em uma mão, e uma caixa de fósforos, na outra, ele aguardou, pacientemente, a aproximação da fera.

– “O que será que ele está fazendo? Por que não se aproxima, logo?” – Pensou intrigado.

Léo percebeu que os ruídos, oriundos da criatura, estavam ficando mais distantes. Ele resolveu olhar novamente, por baixo da enorme pedra, e notou que a fera estava descendo na mesma direção de onde veio. Suspirando aliviado, decidiu se levantar e continuar seguindo na direção da cidade. Ao dar o primeiro passo, sentiu em sua nuca, um ar quente seguido de um rosnado que o fez estremecer por completo.

O ruído era como o de um animal feroz que se prepara para atacar sua vítima. Ele ficou intrigado com a rapidez em que a criatura retornou, colocando-se sobre aquela grande pedra. Antes que tentasse correr, um enorme vulto aproximou-se vindo da parte de baixo da montanha. Naquele momento, para o seu terror, Léo

chegou à conclusão do que estava acontecendo: não se tratava de apenas uma fera, mas sim, de duas.

Por alguns segundos ficou paralisado, sem conseguir se mover. Até aquele instante, ele não conseguia enxergar, nitidamente, aquelas criaturas. O coração estava disparado, pois ainda sentia o ar quente da fera que estava sobre a pedra, bem atrás dele, e enxergava, com horror, os olhos amarelos e brilhantes da fera que estava à sua frente.

Ele não tinha muito tempo, a qualquer momento o ataque seria fatal. Com a audição bem apurada, ele pôde ouvir a criatura que estava sobre a pedra, quando ela pulou para agarrá-lo. Em um rápido movimento, Léo se lançou para o chão, dando uma cambalhota para o lado, enquanto a fera foi de encontro ao vazio. Rosnados assustadores ecoaram pelo lugar. Olhos amarelos se voltaram para um único ponto e, como animais selvagens que se preparam, lentamente, para o ataque, eles se aproximaram enquanto os ruídos ficavam mais intensos.

Léo sabia que se não saísse dali, naquele momento, não teria chances de sobrevivência. Quando a primeira criatura avançou sobre ele, uma bexiga voou, em um tiro certo que acertou a cabeça da fera. Subitamente, ela parou com a ardência que o estranho líquido lhe causava nos olhos. Instantes depois, o rosto de Léo se iluminou com a pequena chama, de um palito de fósforo que acabara de acender.

A criatura tentou recuar, parecia saber o risco que estava correndo, mas a mão do garoto foi mais rápida. O pequeno palito rodopiou no ar, até tocar os pelos da fera, próximos ao pescoço. Instantaneamente, o fogo se alastrou pela cabeça daquele grande animal, que emitia um som forte de dor. Com a luz, proveniente das chamas, Léo pôde ver, finalmente, as criaturas que estava enfrentando.

Ele quase não acreditou no que estava vendo. Seus olhos pareciam congelados naquela imagem que, automaticamente, o fez lembrar algumas histórias que já ouvira no passado.

– “Não posso acreditar. São Lobisomens...” – Pensou atônito.

Mesmo horrorizado com a descoberta, Léo se pôs a correr na direção oposta para onde tinha de ir. A segunda criatura, quando percebera a fuga partiu

furiosa em uma nova caçada. Léo tinha dificuldades para subir, pois havia muitas pedras pelo caminho. Ainda assim corria, desesperadamente, no intento de chegar a algum lugar seguro.

Porém, o lobisomem que o perseguia era muito habilidoso e se aproximava em uma velocidade impressionante. Léo já podia ouvir o rosnado furioso da fera, que em poucos segundos, o alcançaria. Atirar outra bexiga contra aquela criatura seria impossível, dessa forma, ele continuou correndo até que sentiu o chão lhe faltar.

Em meio à escuridão, Léo caiu por alguns segundos, até tocar o solo novamente. Sua mochila ainda estava nas costas, porém uma alça fora danificada, resultado da tentativa do lobisomem em agarrá-lo, no exato momento em que caíra.

– “Meu Deus, que lugar é esse?” – Pensou assustado.

Havia uma enorme escuridão e Léo nada podia enxergar. Sua queda fora amortecida por alguma coisa que não conseguira identificar apenas com o tato, mas preenchiam todo o espaço em que estava. Retirou a caixa de fósforos da mochila e acendeu para verificar do que se tratava. Para o seu espanto, ele constatou que estava em um tipo de câmara, com milhares de ossos espalhados pelo local.

Léo acendeu outro palito e observou que havia uma saída, logo à sua frente. Deixando os ossos para trás, ao sair daquela câmara, curiosamente, ele observou que uma luz, bem fraca, iluminava o corredor em que estava. Seguindo na direção da luz, ele percorreu o corredor até chegar à outra câmara, que lhe dava três outros túneis para seguir.

Antes de escolher por qual deles seguiria, ele observou o lugar com atenção e concluiu que estava dentro da montanha, em uma espécie de gruta. Nesse momento, ruídos estranhos chamaram sua atenção. Decidido a encontrar uma saída, ele seguiu por um dos corredores até se deparar com algo grandioso, que seus olhos jamais imaginariam ver algum dia.

Ao final do corredor havia uma grande câmara, onde, no centro, um cristal, no formato de uma pirâmide emitia um intenso brilho dourado. O brilho era algo fantástico e parecia concentrar muita energia. O cristal estava sobre uma rocha que

tinha a base fina e o formato de um espiral. Abaixo dele, Léo notou que havia dois lobisomens que pareciam exercer a função de sentinelas.

De repente, saindo de uma abertura que ficava bem à frente do cristal, cinco outros lobisomens adentraram ao lugar. Pareciam agitados com alguma coisa. Um deles encontrava-se bastante ferido na cabeça. As criaturas que estavam de guarda ao lado do cristal ficaram agitadas. Mesmo furiosos, os lobisomens pareciam se comunicar e havia certa ordem em suas manifestações. Isso deixou Léo bastante intrigado.

Agora, ele precisava sair dali. Antes, um brilho diferente chamou sua atenção. A cor dourada do cristal mudou para azul elevando-se até o teto da gruta. Dentro do brilho, uma imagem começou a ser formada. Momentos depois, Léo sentiu o coração bater acelerado, novamente. A imagem formada no brilho do cristal era a sua. Os lobisomens olharam ao mesmo tempo para a abertura, que ficava do outro lado, e partiram na direção indicada.

Léo retornou pelo corredor, enquanto os lobisomens iniciaram uma nova perseguição. Seria necessário sair daquela gruta, o mais depressa possível, pois as criaturas estavam bem atrás dele. De volta à câmara anterior, Léo não demorou em sua escolha e seguiu por outro caminho. O barulho, apavorante, dos lobisomens denunciava a rápida aproximação do bando. O corredor ficava mais estreito, na medida em que se seguia atravessando-o.

Em um determinado momento, Léo conseguira enxergar uma luz, mas para alcançá-la teve de se agachar e engatinhar até o seu final. Os uivos estavam ficando mais intensos e um tremor já podia ser sentido nas paredes. Ao sair por uma pequena abertura, Léo escorregou em uma grande pedra caindo diretamente na mata. Mesmo com o corpo um pouco dolorido, ele iniciou uma corrida por entre as árvores do local.

Os lobisomens que também saíram pelo mesmo lugar, saltaram na direção da mata com o único objetivo de não permitir a fuga do invasor. Finalmente, Léo avistou uma área aberta após algumas árvores que ainda estavam à frente, mas, afoito, ele tropeçou em suas próprias pernas. Ele estava exausto e não tinha mais

forças para se levantar, dessa forma permaneceu caído, enquanto escutava as rápidas pisadas que continuavam se aproximando.

Quando uma das criaturas pulou sobre ele, um tiro foi ouvido. Léo olhou para o lado e viu que o lobisomem havia sido atingido no peito. A criatura ficou atordoada e parecia sentir fortes dores. Uma mão firme segurou um dos braços de Léo, e a voz não lhe era estranha.

– Vamos rápido, garoto. Isso não vai matá-lo. Os outros já estão se aproximando.

Com um grande esforço, Léo conseguiu sair da mata, acompanhado pela pessoa que o ajudara. Alguns metros depois, sua visão escureceu e nada mais pôde enxergar. De longe, olhares enfurecidos recuavam entre as árvores, observando as duas pessoas que, depois daquele episódio, não poderiam mais continuar vivas.

De Volta à Cidade

Primero, os olhos se abriram devagar até se acostumarem com a claridade, que adentrava ao local, através de uma janela. O canto dos pássaros soava de forma agradável aos ouvidos de Léo, que aos poucos recobrava a memória sobre o ocorrido na noite anterior. Deitado em um sofá muito confortável, ele se sentou, rapidamente, e parecia assustado. Uma voz, bem atrás dele, tentou tranquiliza-lo.

– Calma, rapaz. Aqui estará seguro.

Léo girou a cabeça e percebeu que se tratava do mesmo velho, que vira no dia anterior, no armazém de Dora.

– Foi o senhor quem me ajudou naquela mata, não foi?

– Sim. Meu nome é Silas.

– Obrigado, Sr. Silas. Eu já estava sem forças e não teria como escapar das garras daquelas coisas.

– Não me enganei com você, garoto. Foi uma proeza incrível sair daquela mata vivo. Você tem muita coragem.

– O senhor sabe o que são aquelas criaturas, não sabe?

– Sei muito bem o que são aquelas “coisas”. São criaturas noturnas, os famosos lobisomens. Passei a minha infância ouvindo meu pai contar histórias e mais histórias sobre eles, mas jamais pensei que um dia se tornariam reais. Aliás, nem sei o motivo que os trouxe até aqui.

Léo se interessou pela conversa, mas antes que pudesse perguntar algo, o som da campainha interrompeu-o. O velho Silas pediu que o aguardasse, levantando-se para atender o chamado.

– Olá, Sr. Silas! Vanessa passou-me o recado e vim o mais rápido que pude.

– Obrigado por vir, Dora. Tenho uma surpresa para você.

Por favor, entre.

Ao passar pela porta, Dora sentiu um misto de alegria e alívio ao encontrar Léo, em boas condições.

– Graças a Deus, você está bem! Ficamos muito preocupadas com você.

– Mas como sabia que eu estava em apuros?

– Não, Léo. Ela não sabe, exatamente, por quais apuros você passou. O que acontece é que, quando saiu da cidade, aqueles três homens foram atrás de você. Ao passar pelo armazém, eu contei isso a ela. Eu estava aqui em cima, no teto de casa quando os vi saindo apressados, na sua direção.

Dora abraçou, fortemente, o amigo e ficou feliz em vê-lo de novo.

– Aqueles três fizeram alguma coisa a você?

Léo relatou o acontecido, logo após perceber a aproximação dos três homens. Dora ficou pensativa, sem entender o motivo da perseguição.

– Eles mudaram muito depois daquele dia, mas mesmo assim... Você já estava deixando a cidade, o que poderiam querer com você?

O velho Silas olhou para Léo e fez um sinal positivo com a cabeça. Dora percebeu que havia mais coisas a serem ditas, assim, ouviu, em silêncio, o término do relato. Chocada, seu semblante transmitia todo o pavor que seu coração sentia naquele momento. Léo olhou fixamente nos olhos da amiga.

– Você também sabia o que era aquela fera, não sabia?

– Sabia.

– Por que não me contou?

– Todos preferem ignorar a existência dessas criaturas, pois elas nunca aparecem para atacar quem vive aqui. Somente...

Léo permanecia olhando firme para a amiga.

– Somente quando há visitantes na cidade, não é isso que iria dizer?

– Como sabe?

– Não foi difícil perceber. Primeiro a insatisfação da maioria das pessoas quando cheguei aqui. Por onde passei pude notar os olhares desconfiados e arredios. Depois, a preocupação em me verem afastado desse lugar, e por fim, aquela terrível visita que recebi quando fiquei no seu armazém.

– Galhos nunca foi assim, Léo. Acredite.

– É verdade, garoto. Vivíamos em paz por aqui, até antes daquela tragédia.

– Dora me contou sobre isso, mas existem algumas coisas que não ficaram claras para mim.

– Acho que Dora contou a você que um grupo de homens, todos armados, seguiram atrás de alguns arruaceiros que seguiram na direção das matas.

Léo respondeu, positivamente, com a cabeça.

– Meu filho estava nesse grupo, mesmo contra a minha vontade. Alguma coisa terrível aconteceu por lá, pois apenas cinco regressaram. Meu filho, Fábio, Christian, o namorado de Dora e o delegado Valter, jamais voltaram. Até hoje passo algumas horas, sobre o telhado observando, através de um binóculo, aquela região onde você estava.

– Por que não fizeram buscas? Por que não tentaram esclarecer o que houve ou o paradeiro dessas pessoas? Pelo que vocês dizem, o grupo de arruaceiros também não voltou de lá.

Dora confirmou a afirmação de Léo.

– Vocês nunca pressionaram aqueles que conseguiram regressar?

– Pablo liderou aquela espécie de milícia, porém não quis falar nada sobre o assunto. Alguns estavam feridos e tiveram que ficar em observação no hospital de uma cidade vizinha. Dois deles foram encontrados pelo nosso pároco, quando ele voltava de uma caminhada matinal, pelos arredores da cidade.

– Sinceramente, não consigo entender. Por que a cidade toda, aceita esse silêncio?

Dora dirigiu seu olhar triste, para o velho Silas, que prosseguiu respondendo.

– O antigo delegado também não regressou e isso fez com que o povo se sentisse desprotegido. Pablo e os outros assumiram a responsabilidade da guarda da cidade, alguns dias depois do ocorrido.

– Mas por que aceitaram isso? Ninguém tem o direito de impor um modo de vida para as pessoas.

– Não é tão simples, garoto. Estamos no meio do nada, muitos deixaram Galhos para morarem em outro lugar e os que ficaram vivem aterrorizados com essas criaturas. Poucos os viram, mas quase toda a noite se pode escutar seus uivos.

Grandes fazendeiros da região tiveram que ir embora, rebanhos inteiros foram dizimados. Noite após noite, os ataques eram devastadores. Aqueles lobisomens acabaram com todas as grandes criações de gados, aves e outros.

Léo estava surpreso e apavorado com o relato de Silas. Dora também queria dizer algo.

– Poucos moradores viram de perto essas terríveis feras...

– Você, por exemplo?

– Não. Eu não, mas Vanessa sim. Foi uma noite terrível para todos nós...

– Talvez haja uma forma de colocar um fim em tudo isso.

Silas suspirou forte, enquanto entregava uma xícara de chá à Dora.

– Já tentamos nos organizar para tentarmos fazer alguma coisa, mas as pessoas têm medo. No início, até o nosso padre nos apoiava, mas depois ficou indiferente. Pablo e os outros trataram de desencorajar os poucos que queriam fazer algo.

Léo ficou pensativo.

– Dora, você vai voltar para o armazém, não vai?

– Sim. Por quê?

– Gostaria que dissesse a Vanessa que estou aqui e pedisse a ela para vir me ver. Posso ficar aqui mais um tempo, Sr. Silas?

– Esteja à vontade, garoto. Tomei o cuidado de trazê-lo pelos fundos, assim, acredito que ninguém o tenha visto.

– Vanessa vai gostar de saber que você está bem. Ela ficou tomando conta do armazém, enquanto eu vinha pra cá. Vou agora mesmo dar a notícia.

Léo e Dora se abraçaram. A dona da pequena mercearia saiu, discretamente, da casa do Velho Silas, feliz por saber que o jovem amigo estava fora de perigo. Léo ficou pensativo com tudo o que fora falado até aquele momento, ele sabia que estava correndo perigo e não poderia ficar de braços cruzados naquela situação. Em sua mente, havia muitas perguntas sem respostas, um mistério difícil de desvendar. Não havia mais tempo, era hora de agir.

Um Quebra-Cabeça

– Leo! Como é bom vê-lo, de novo.

– Também estou feliz em vê-la, Vanessa.

A garota abraçou o amigo e sentou-se ao seu lado.

– Bem, estarei na cozinha preparando o almoço. Se precisarem de alguma coisa...

Os jovens agradeceram pela atenção do velho Silas e prosseguiram com a conversa.

– Ficamos preocupadas com você. O que houve? Minha tia chegou eufórica pedindo para que eu viesse logo pra cá.

Léo repetiu seu relato, contanto desde o momento em que os homens o perseguiram até o início da manhã, quando fora ajudado por Silas, ainda na mata. Vanessa ouviu, atentamente, e ao final ficou assustada com toda a história.

– Léo, queria ter contado o que era aquela “coisa” que tentou entrar no armazém, mas minha tia pediu silêncio. Como você estava de partida, ela achou melhor não falar sobre isso.

– Acabei descobrindo da forma mais horrenda...

– Sinto muito.

– Você também viu, não é mesmo?

– Uma vez, quando estava na cozinha bebendo água, percebi um barulho que vinha do lado de fora. Ao me aproximar da janela fiquei paralisada, quando me deparei com dois grandes olhos, do outro lado. O ar quente, vindo das suas narinas embaçou todo o vidro no mesmo instante. Segundos depois, tudo o que vi foi o enorme lobisomem sumir na escuridão. Não gosto nem de me lembrar.

– Tem uma coisa que não contei para Dora e Silas e gostaria que soubesse.

Vanessa olhou curiosa para Léo.

– O que é?

– Dentro da gruta, há uma grande câmara, onde avistei dois grandes lobisomens que pareciam guardar algo muito especial.

Vanessa demonstrou interesse pelo assunto aproximando-se ainda mais.

– Havia uma pedra, parecia um cristal, que emitia um brilho dourado. Pouco tempo depois que a avistei, o brilho passou de dourado para um azul suave que subiu até o teto. Lembro-me de que os lobisomens olharam para ela no mesmo instante e viram algo que me assustou muito.

– E o que era?

– A minha imagem. Era como se houvesse alguma câmera me filmando, pois era a minha imagem, exatamente, no local onde eu estava.

– Foi assim que eles o descobriram?

– Sim. Não sei quantos vieram na minha direção, mas o barulho que faziam era assustador. Pareciam furiosos.

– E que pedra era essa? Por que essas criaturas estariam fazendo sua guarda?

– São algumas das perguntas que não saem da minha cabeça.

Vanessa ficou curiosa com as palavras do amigo.

– Algumas? Existem outras, então?

– Vanessa, quero que me ajude a desvendar esse mistério.

– Está querendo dizer, dar um basta nisso?

– Exatamente.

– Como?

– Preciso saber o que aqueles três homens queriam comigo. Esse tal, Pablo possui algo muito suspeito. Depois de tudo o que ouvi, acredito que ele tenha muita coisa a dizer.

– E como posso ajudá-lo?

– Como você fica no armazém, quero que dê a ele alguma coisa para beber, um refrigerante, por exemplo. Porém, antes vamos colocar uma pequena dose de remédios para que ele possa dormir.

– Léo, o que está me pedindo é muito arriscado.

– Temos que fazer. Se não nos arriscarmos agora, não conseguiremos acabar com tudo isso.

– Você fala como se Pablo tivesse alguma coisa a ver com essa maldição.

– Não posso te afirmar nada, mas preciso saber o que ele e aqueles outros queriam comigo.

– E como vamos fazer?

– No armazém deve haver comprimidos contra insônia, não?

– Sim.

– Então pegue alguns, amasse-os até virar uma espécie de farinha e jogue na bebida. O único problema é como dar isso a ele.

– Não será difícil, ele vai até o armazém quase todas as tardes.

– Há mais uma coisa que gostaria de lembrá-la: você conhece a lenda dos lobisomens, não conhece?

– O que está querendo dizer...

– Que até onde eu sei, eles são homens com a capacidade de se transformarem em feras. Portanto, tome cuidado e passe a observar mais as pessoas.

Alguma coisa em Vanessa parece ter despertado com as palavras do amigo. Um medo inexplicável tomou conta do seu ser.

– Depois do dia em que vi aquela “coisa”, sentia certa proteção por imaginar que estariam sempre na mata. Acha que...? Não pode ser.

– Escute, Vanessa, não estou afirmando nada. Apenas observe mais as pessoas, afinal de contas, se aquelas criaturas são mesmo lobisomens, então, parte do tempo, eles também são humanos.

– Estou confusa... Não... Não sei o que pensar.

– Não irei embora daqui, enquanto não ajudar a desvendar esse mistério.

Vamos agir ou não?

– Vamos. Antes de tudo, gostaria de agradecê-lo. Você é muito corajoso.

– Não foi a primeira vez que enfrentei algo sobrenatural, acredite.

– O que faremos depois que Pablo tomar o refrigerante?

– Certifique-se de que ele voltará para a casa, até pela sonolência que vai sentir, depois venha me avisar. A partir daí, poderemos começar a investigar.

* * *

Léo saiu pela porta dos fundos da casa do velho Silas, ao ouvir o chamado de Vanessa.

– Foi como você disse; ele tomou o refrigerante e pouco tempo depois foi para casa. João e Augusto estavam com ele e parecem ter estranhado um pouco.

– Ok. Vamos para a casa dele, agora mesmo.

Os dois jovens seguiram por uma pequena rua, que passava por trás da casa de Silas. Ao virarem em outra rua, mais estreita e com muitas pedras, chegaram até a casa de Pablo. A janela, localizada ao lado da porta de entrada estava aberta. Léo entrou através dela e aguardou a amiga pular também. Logo, na sala encontraram Pablo em um sono profundo.

– Vanessa, preste atenção: vamos dar uma olhada pela casa para ver se encontramos algo que possa ser importante.

– Tudo bem.

Os dois iniciaram as buscas, enquanto Pablo dormia, profundamente. Léo iniciou uma busca pela sala, enquanto Vanessa foi para o quarto. Gavetas, estantes, armários, tudo estava sendo revistado pelos jovens. De repente, Vanessa chamou por Léo.

– Veja o que encontrei em uma das gavetas, ao lado da cama.

Ela estava segurando um distintivo da polícia. Léo a olhou e percebeu que a amiga estava confusa.

– Vanessa, Pablo é policial?

– Não. O único que usava um distintivo igual a este era o delegado que desapareceu. O que acha?

– É estranho. Por que ele não entregou isso às autoridades?

– Será que ele sabe o que aconteceu ao delegado naquela noite?

– Isso só ele poderá responder, apesar de suspeitarmos sobre o que pode ter acontecido. Estive pensando muito sobre o fato...

– E o que pensa a respeito?

– Penso que o grupo liderado por Pablo foi surpreendido pelos lobisomens, quando perseguiram aqueles arruaceiros. A pergunta que fica é: para onde foram levados aqueles que não voltaram?

– Na época toda a população queria saber o que havia acontecido, mas com o passar do tempo e os acontecimentos que se sucederam, as pessoas ficaram amedrontadas e passaram a não falar mais sobre o assunto. Todos covardes. Minha tia tentou fazer com que a cidade exigisse explicações daqueles que conseguiram retornar, mas foi em vão.

– Vanessa, quem são os outros homens que foram para a mata naquela noite?

– Além de Pablo, Augusto e João também foram. Os outros eram Jônatas, o marido de dona Rita, uma senhora muito doente, o Sr. Paulo, um ex-coronel das forças armadas, Lourenço, filho de dona Marli, proprietária do salão de beleza e “Caco”, dono do bar da praça. Além, é claro, de Fábio, Christian e o delegado Valter, que desapareceram.

– Todos ainda residem aqui?

– Sim. Por quê?

– Porque quero conversar com cada um deles. Preciso saber o que viram naquela noite, assim, talvez possamos procurar pelos que desapareceram, no lugar certo.

– Como assim “procurarmos”? Não está pensando em voltar lá, está?

– Se não quiser vir comigo, não precisa. Só quero que me ajude a falar com essas pessoas, depois voltarei àquela gruta. Preciso saber que pedra misteriosa é aquela e porque ela é importante para aquelas criaturas.

– Você ficou maluco, Léo? Não bastou o que você passou na noite de ontem?

– Entendo a sua aflição, mas a minha curiosidade e a vontade de ajudar esta cidade, a voltar a ser o que era, é muito maior do que o medo que sinto.

– Você deve ser maluco mesmo...

– Pablo pode ter sido a última pessoa a ter visto o delegado. Esse distintivo prova tal fato. Vou voltar aqui mais tarde, pois a dose parece ter sido alta.

– Foram três comprimidos bem amassados.

– Não podemos perder tempo, vamos sair e procurar os outros homens.

– Não será fácil, Léo. Talvez não queiram falar nada.

– Deixa isso comigo, vamos.

Vanessa e Léo passaram, novamente, pela janela, pularam o pequeno muro e ganharam a rua, logo em seguida. Assim que começaram a caminhar, Léo parou por alguns segundos e olhou na direção da casa onde estavam.

– O que foi, Léo?

– Nada. Vamos.

Os jovens continuaram seguindo pela rua, enquanto, da janela por onde passaram, um vulto silencioso os observava com atenção.

Estranhos ataques

— **V**ão embora daqui e não me encham com isso, novamente!

A porta da casa do Sr. Paulo fechou-se bruscamente. Léo e Vanessa ficaram decepcionados.

— Não falei pra você? Ninguém vai falar sobre isso.

— Não é possível, ele nem nos deixou explicar.

— Já está ficando tarde, Léo. Acho melhor irmos para casa.

— Passamos a tarde toda tentando falar com essas pessoas e nada. Não entendo o motivo de se omitirem.

— Já está anoitecendo, vamos logo.

Léo e Vanessa iniciaram a caminhada de volta, na direção do armazém, mas um ruído forte chamou a atenção de ambos. O som vinha do interior da casa do Sr. Paulo.

— Escutou isso, Vanessa?

— Claro que sim. Um barulho esquisito desse...

— Vamos dar uma olhada.

Eles voltaram e observaram a casa, através da janela. Estava tudo quieto novamente. Léo observou que a porta estava apenas encostada, assim, não foi preciso muito esforço para poderem entrar. Vanessa tentou segurar o amigo, porém, seu espírito aventureiro o fazia ir adiante.

Passando pela sala, não notaram a presença de ninguém. Havia uma escada, à direita da porta de entrada, que levava ao piso de cima. Alguma coisa chamou a atenção de Vanessa para os degraus; eles estavam sujos com barro.

— Veja isso, Léo. Parece ser barro, e vem desde lá de cima.

Léo se afastou um pouco mais e observou a escada. Seus olhos se fixaram nas marcas e o fizeram levar o dedo indicador à boca pedindo silêncio. Cautelosamente, ele se aproximou de Vanessa e tomou-a pela mão. A amiga estranhou, mas Léo, em voz baixa, tentou explicar.

– Essas marcas são, na verdade, pegadas. E bem grandes.

Vanessa sentiu seu coração bater mais forte e o susto só aumentou depois que escutaram um barulho vindo da cozinha. Léo caminhou a passos lentos, sem fazer qualquer ruído. Na entrada da cozinha, havia um copo quebrado no chão e bem próximo a ele, um homem desacordado.

Antes que pudessem se aproximar, Léo e Vanessa assistiram, horrorizados, ao homem ser arrastado, bruscamente, pelo chão. Léo afastou a amiga e tentou ver o que estava acontecendo. Para o seu espanto, uma grande criatura estava deixando a casa, pela janela, e levava em seu dorso, o morador.

– Deus do céu! Vanessa, o homem foi levado por um lobisomem.

– O quê? Não brinca comigo, Léo!

– Você mesma o viu sendo arrastado pelo chão. Uma daquelas criaturas acaba de levá-lo.

– Vamos sair daqui, rápido!

Nesse momento, outro ruído os paralisou no instante em que se preparavam para deixar o local. Passos lentos e pesados podiam ser ouvidos no piso superior e se dirigiam para a escada. Vanessa estava paralisada de medo, sem conseguir se mexer. Léo abriu a porta de um armário, que ficava na parede, ao lado da entrada da cozinha e puxou a amiga pelo braço.

O móvel, antigo, tinha a altura suficiente para que uma pessoa pudesse se esconder em seu interior. Vanessa tremia muito e abraçava, fortemente, o amigo. Através de uma fresta, a única imagem que se tinha, do interior do armário era a escada que estava à frente, do outro lado do aposento.

Quando patas enormes, contendo garras afiadas, apareceram nos degraus, Léo manteve a calma para segurar a porta com uma mão e abraçar a amiga com a outra. Depois de avistarem as patas, os jovens viram um enorme emaranhado de pelos, que descia lentamente pela escada. A respiração da fera podia ser ouvida, forte e acelerada. Vanessa tentava manter a calma, mas o som emitido pela criatura era apavorante.

A fera estava andando pela sala, como se estivesse à procura de algo. De repente, ela surgiu de frente para o armário provocando medo e pânico em Vanessa.

Léo apertou firme a amiga por diversas vezes, até que ela se controlasse. Os olhos do lobisomem se fixaram no armário e a impressão era a de que ele estava olhando diretamente para os dois.

Sua boca abria a cada ruído deixando os dentes à mostra, onde era possível avistar uma grande quantidade de saliva, que escorria entre eles e caía, diretamente, no chão. Apesar do medo, os dois precisavam ficar quietos, caso contrário, a fera os descobriria e o ataque seria fatal. Depois de olhar o armário, o lobisomem se afastou e seguiu para a cozinha. Léo respirou um pouco mais aliviado, mas sabia que ainda não estavam totalmente seguros.

Vanessa, apavorada, não conseguia mais controlar o tremor que tomava conta de seu corpo. O armário começou a ranger chamando a atenção do lobisomem que já deixava a casa pela janela da cozinha. Léo tentou acalmar a amiga, mas foi em vão. Com a audição mais apurada, a criatura desconfiou da presença de mais alguém na casa e retornou pela cozinha chegando, novamente, à sala.

Fixando o olhar no móvel antigo, a fera emitiu um forte rosnado, pôs-se sobre as duas patas traseiras flexionando-as e projetou garras e dentes para fora. O ataque foi arrasador... Em poucos segundos, o armário ficou em pedaços. As portas se destruíram, como se fossem simples papéis, com os golpes certos.

Momentos depois, o lobisomem ficou inerte ao perceber que não havia ninguém no interior daquele móvel. Ele ainda olhou em todas as direções, antes de voltar à cozinha e deixar a casa em direção à mata. Atrás do sofá, Léo e Vanessa ainda tentavam prender a respiração, a fim de não emitirem qualquer barulho.

– Espere aqui. Vou verificar se já foram embora.

Léo se dirigiu, cuidadosamente, até a cozinha e percebeu a janela aberta. Retornando à sala encontrou a amiga com lágrimas nos olhos, totalmente aterrorizada.

– Calma. Já se foram.

Vanessa se lançou nos braços do amigo, ainda sentindo o tremor em seu corpo.

– Para onde levaram o Sr. Paulo?

– Seguindo na direção daquela janela, eles voltam para a montanha. Precisamos sair logo, daqui. Ninguém pode saber da nossa presença. Vamos.

Antes de abrirem a porta, ambos perceberam que já havia certa movimentação do lado de fora da casa. Sem alternativas, eles tiveram que sair pela mesma janela por onde os lobisomens também passaram. Já passava das sete horas da noite e um vento frio soprava por toda a cidade. Vanessa e Léo correram muito até chegarem ao armazém de Dora. A tia de Vanessa ficou feliz ao vê-los entrar.

– Graças a Deus, vocês chegaram. O Sr. Silas veio me contar que Léo não estava mais lá, e como você não estava aqui, deduzi que só podiam estar juntos.

– Tia, escute: Léo e eu descobrimos que o distintivo do delegado Valter está na casa de Pablo.

– Estivemos lá, hoje mais cedo.

Dora olhou intrigada para os dois.

– O que? Como fizeram isso?

– Forçamos Pablo a cair no sono e entramos na casa dele. Sei que não foi nada correto, mas precisávamos descobrir alguma coisa.

– Isso é verdade, Vanessa?

– Sim, tia.

– Vocês enlouqueceram? Sabem o que fizeram? Eu não acredito nisso!

– Dora, por favor, escute...

– Não, Léo! Obrigada por querer nos ajudar, mas não precisamos de ninguém para piorar a situação. Não bastasse o dia tumultuado de hoje, vocês ainda aprontam uma dessas.

Vanessa mostrou-se curiosa com a fala da tia.

– Tumulato? Não me diga que já sabe do Sr. Paulo?

– Sr. Paulo? Do que está falando?

Léo percebeu que ela ainda não sabia de nada e tentou explicar.

– Quando saímos da casa de Pablo, nos dirigimos para a casa desse senhor. Porém, ele não quis nos atender para falar sobre aquela fatídica noite e bateu a porta na nossa cara. Decidimos voltar para cá, mas escutamos um barulho estranho

dentro da casa e voltamos para ver através da janela. Como a porta não se fechou entramos e vimos o Sr. Paulo...

Léo parou por alguns instantes antes de prosseguir. Dora sentiu que algo de ruim acontecera.

– Diga, Léo. O que vocês viram?

– Ele foi levado pelos lobisomens.

Dora deu um pulo para trás e levou uma das mãos à boca. Vanessa complementou a informação.

– Na verdade ele foi levado por um lobisomem, mas ouvimos barulhos no segundo piso e tivemos que nos esconder dentro de um armário, pois havia outro andando pela casa. Por muito pouco não nos encontrou.

Dora estava assustada.

– Agora a pouco, dona Marli passou por aqui, desesperada, pois não sabe onde está Lourenço.

Vanessa ficou surpresa.

– Como assim, não sabe?

– Parece que ela pediu a ele que fosse até sua casa pegar dinheiro, mas não voltou ao salão. Desconfiando da demora, ela foi atrás dele. Chegando lá, ela encontrou a casa revirada, sem sinal do filho.

Léo ficou pensativo. Vanessa comentou o assunto com o olhar perdido no balcão.

– Então foram dois ataques.

– Não.

Chorando, Dora fez um gesto negativo com a cabeça, após a afirmação da sobrinha.

– Caco também sumiu.

A informação deixou os jovens sem reação.

– Ele abriria o bar, por volta das seis e meia, mas não abriu. Alguns amigos dele escutaram ruídos estranhos e desconfiaram. Arrombaram a entrada para ver o que tinha acontecido e não havia nenhum sinal dele.

– Meu Deus!

Dora e Vanessa olharam ao mesmo tempo para Léo.

– Juntamente com o Sr. Paulo, esses outros também estavam entre os homens que regressaram naquela noite, não é isso?

Vanessa e Dora concordaram com a afirmação.

– Então não podemos perder tempo. Essas criaturas não estão agindo por instinto, estão pensando.

Dora não entendera.

– Do que está falando, Léo?

– Que de alguma forma, esses homens passaram a ser uma ameaça para eles.

Vanessa também não estava entendendo.

– Mas sendo assim, já teriam sido alvos há mais tempo. Por que só agora?

– Talvez, como decidiram não falar ou fazer nada sobre o acontecimento daquela noite, não seria necessário fazer nada contra eles. Se por ventura isso mudasse...

– Mas...

– Não podemos perder mais tempo, Pablo e os outros serão os próximos. Temos que encontrar os que restam.

Dora desaprovou a ideia.

– Não, Léo. Isso já está indo longe demais! É melhor ficar aqui e deixar a cidade amanhã, bem cedo.

Léo segurou, firme, as mãos de Dora.

– Preciso da ajuda de vocês duas. Você não entende? Essas criaturas não conseguiram me pegar, mas sabem o que vi. Talvez eu seja a maior ameaça para eles agora, por isso estão atacando somente os homens que estiveram na mata, naquela noite.

– Mas por que somente eles?

– Não está claro para você ainda, Dora? Eles viram alguma coisa importante lá, e como intruso, eu não posso saber do que se trata.

Dora olhou para a sobrinha, para depois dirigir seu olhar, novamente, para Léo.

– Como poderemos ajudá-lo?

– Temos que sair agora e encontrar um desses homens que ainda não foram atacados.

Vanessa lembrou-se de algo.

– Léo, Pablo ainda deve estar dormindo. Vamos até lá!

Dora certificou-se de que a porta do armazém estava trancada e saiu com os dois, pelos fundos de sua casa.

Cidade Aterrorizada

Ao chegarem à casa de Pablo, Dora, Léo e Vanessa observaram que a porta da frente estava aberta. A rua estava vazia e a noite já imperava na pequena cidade. Desconfiado, Léo propôs a entrada para verificar se o morador ainda estava lá dentro. Dora e sua sobrinha ficaram com medo de aguardar do lado de fora, assim entraram logo atrás.

Todos se espantaram com o que viram: alguns móveis estavam revirados, gavetas estavam espalhadas pelo chão, havia uma mesa partida ao meio. Vanessa retornou do quarto com uma expressão negativa.

– Não tem ninguém aqui. Parece que chegamos tarde demais.

Léo olhou mais uma vez para toda a bagunça e tirou algumas conclusões.

– Essas criaturas sabem o que estão fazendo. Eu disse que havia algo errado... Elas pensam e depois agem.

– Como isso é possível?

– Não sei Dora, mas não podemos perder mais tempo. Não há nada aqui, vamos embora.

Os três deixaram a casa de Pablo e seguiram para a rua principal. Léo queria tentar localizar os homens que ainda restavam. Quando chegaram à principal rua da cidade, eles avistaram muitas pessoas reunidas que caminhavam na direção onde estavam. Alguns homens carregavam tochas acesas e eram acompanhados por algumas mulheres. Quando uma delas apontou na direção de Léo, todos iniciaram uma corrida na tentativa de alcançá-lo. Dora e Vanessa se colocaram à frente dele. Vanessa falou primeiro.

– Fuja daqui e tente encontrar o Sr. Jônatas. Ele é o esposo de D. Rita, a senhora doente que lhe falei.

Dora estava nervosa, mas algo lhe dizia que deveria proteger o jovem.

– Volte pela rua onde estávamos e siga direto até chegar a uma pequena ponte. Depois de atravessá-la conte quatro casas, entre na quinta e procure por ele. Vá logo, vamos tentar contê-los.

– Mas, e vocês?

– Ficaremos bem, Léo. A culpa disso tudo não é sua, mas nossa. Sabe onde nos encontrar... Agora vá!

Léo fez exatamente como Dora o indicou. A multidão se aproximou das duas e logo iniciaram uma série de perguntas. Um dos homens, que ia à frente do grupo, não entendia o motivo da proteção dada por elas ao estranho.

– Por que está fazendo isso, Dora? Depois que esse rapaz chegou aqui, essas criaturas não nos deixam mais em paz.

– Precisamos acabar com isso de uma vez por todas, Hiago. Ele só quer nos ajudar.

– Ficaram malucas? Não há como enfrentar aquelas feras, ele não sabe o que está fazendo. Nossos amigos foram levados por essas “coisas” e nem sabemos para onde.

Vanessa tentou argumentar, mas outras mulheres não a deixavam falar.

– Estão satisfeitas, agora?

Antes que o grupo se retirasse, Hiago olhou para as duas, novamente, e indagou:

– Para onde ele foi?

Tia e sobrinha permaneceram caladas.

– Não vão dizer, não é? Vocês não sabem com o que estão lidando.

Após essas palavras, o grupo se retirou. Dora estava assustada, mas recebeu um abraço carinhoso de Vanessa.

– Parece que Pablo foi mesmo levado por uma dessas criaturas. Ele jamais perderia a chance de ficar à frente do povo.

– É estranho...

– O que foi, tia?

– Posso estar vendo coisas, mas vi alguém, que estava atrás de toda essa gente, sair correndo na direção oposta. Acho que era Pablo.

Vanessa sentiu um leve arrepio com a suspeita de Dora.

Léo chegou ofegante à casa do Sr. Jônatas. As luzes estavam acesas, mas não foi possível perceber se havia alguém em casa. Cuidadosamente, Léo se dirigiu até a porta e notou que ela estava apenas encostada.

– “Isso já está começando a me assustar.” – Pensou.

Caminhando pela sala, ele ouviu um ruído que vinha de um dos quartos da casa. Com atenção redobrada, Léo observou todas as portas antes de adentrar àquele aposento. Lá dentro, sobre a cama, havia uma senhora cujo semblante estava pálido e assustado.

O olhar daquela senhora, D. Rita, alternava sua atenção para Léo e para a porta de um guarda-roupa, embutido, na parede do quarto. Aqueles olhos amedrontados já haviam dito tudo o que o jovem precisava saber... Sem vacilar, Léo saltou de volta para a sala. Um barulho, semelhante a uma explosão foi ouvido, e pedaços de madeira foram parar do outro lado do quarto.

Um lobisomem surgiu, furioso, na porta do quarto de D. Rita fixando o olhar em sua presa, que dava lentos passos aproximando-se da lareira que ali se encontrava. A preocupação de Léo naquele momento era justamente com a senhora que se encontrava doente e não podia se locomover. Pela atenção que recebia da fera, ele logo percebeu que D. Rita nem fora notada.

O lobisomem parecia furioso e começou a caminhar na sua direção. Seus dentes já podiam ser vistos e o som de seu rosnado tomou conta do lugar. Léo segurou firme o objeto que estava atrás dele e aguardou a aproximação da criatura. Quando ela avançou sobre ele, com um movimento rápido, Léo perfurou-a com um dos bastões de ferro, usados para mover a lenha.

O lobisomem caiu de encontro à lareira abrindo um enorme buraco na parede. Nesse momento, Léo ouviu um barulho vindo, novamente, do quarto. Ao entrar, percebeu que a janela estava destruída e D. Rita estava muito assustada.

– Senhora, acalme-se, por favor! O Sr. Jônatas estava aqui?

D. Rita respondeu, positivamente, com a cabeça.

– Enquanto eu estava na sala, outra criatura saiu com ele pela janela, não é isso?

Novamente, ela confirmou com a cabeça. Léo pediu a ela que ficasse calma e voltou para a sala. No lugar onde a fera estava caída, só havia a lareira, parcialmente, destruída e o bastão utilizado por ele. O lobisomem não estava mais ali. Algumas vozes já podiam ser ouvidas, o que fez com que Léo saísse, rapidamente, do local.

Correndo bastante, ele seguiu por uma pequena rua até chegar à principal. Com a intenção de chegar logo, ao armazém, ele passou como um foguete pelos principais estabelecimentos da cidade. Quando se aproximou da pequena igreja, a porta se abriu, abruptamente, e um homem surgiu para agarrá-lo.

Todas as tentativas de se soltar foram em vão; o homem tinha braços muito fortes que o dominaram e o levaram para o interior da capela. Léo fora jogado no chão e viu quando as botas daquele misterioso homem se aproximaram.

– Viu o que você fez a esta cidade?

A voz não lhe era estranha.

– Você despertou a maldição e colocou as nossas vidas em risco.

Léo não tinha mais dúvidas, o dono daquela voz era Pablo.

– Escute, Pablo, você não pode me acusar disso. Essas criaturas, pelo que sei, estão aqui desde aquele episódio que mudou a vida de Galhos.

Pablo se agachou e ficou mais próximo. Sua expressão era de fúria.

– Mas até você chegar aqui, nós tínhamos o controle e aquelas coisas não nos ameaçavam.

– Eu estava deixando a cidade, mas você e seus colegas me perseguiram. Se não tivessem feito aquilo, eu nem estaria mais aqui.

– Queríamos ter certeza de que você partiria, mas ao invés disso você fugiu e acabou se perdendo naquela mata. Achamos que não voltaria.

– Sinceramente, não entendo. Não faz sentido proibir a permanência de visitantes à cidade. O que eles poderiam fazer?

– Visitantes como você, sempre trouxeram essas criaturas de volta. Só que agora elas estão invadindo as casas e levando as pessoas.

– Esses lobisomens não são seres irracionais, não estão atrás de qualquer pessoa. Até agora levaram somente aqueles que se envolveram naquele episódio.

– Como sabe disso?

– Estive na casa do Sr. Paulo, e também na casa do Sr. Jônatas. Vi quando foram levados. Dora me contou que Lourenço e o dono do bar também desapareceram sem deixar rastro. Estive com Dora e Vanessa em sua casa, mas encontramos tudo destruído. Deduzimos que o mesmo havia acontecido a você.

– Dormi durante toda a tarde e acordei por volta das oito e meia. Lembro de ter ido à cozinha preparar algo para comer, mas escutei ruídos estranhos vindos do meu quarto. Ao verificar fui surpreendido por uma dessas horríveis criaturas, que me atacou e quase me faz perder a consciência. Quando caí atrás da mesa, eu a virei em cima daquela fera e saltei pela janela. Corri o máximo que pude e entrei aqui. Talvez, se eu fizer o que João e Augusto sugeriram, poderemos afugentar esses lobisomens para a mata, novamente.

Léo ficou intrigado com as palavras de Pablo.

– Onde eles estão? Também correm perigo.

– Passei por Augusto quando corria para cá. Ele não parecia estar muito bem, mas disse a ele que eu estaria aqui. Acho que se eu der você para essas feras, talvez elas voltem para o lugar delas e nos deixam em paz.

– Não percebe o que está acontecendo? Eu sou uma ameaça para elas, porque vi o que há dentro daquela montanha.

Pablo mostrou-se surpreso com a declaração de Léo.

– Como assim, “o que viu”?

– A história é um pouco longa, mas garanto que eles possuem um segredo dentro daquela gruta e acho que não estarão dispostos a mostrá-lo para ninguém.

– O que está dizendo?

– Pablo, preciso saber o que vocês viram naquela mata. É importante!

O homem pôs-se de pé afastando-se um pouco.

– Então é por isso que eles estão aqui. João e Augusto estavam certos... Eles querem você.

– Há mais do que isso, Pablo. Essas criaturas estão pensando de forma racional, e seguindo certo padrão. Talvez sempre estiveram aqui, entre os moradores desta cidade, observando a tudo e a todos.

– Não diga besteiras, vou amarrá-lo e levá-lo para a entrada da mata. Assim, quem sabe, eles nos deixam em paz.

– Está cometendo um erro. Desta forma vocês jamais ficarão livres.

Pablo não deu ouvido às palavras de Léo. Ele pegou uma corda e amarrou-o pelas mãos, deixando livre apenas o movimento de suas pernas. Em pouco tempo, a porta da capela se abriu e dois homens adentraram ao local. O lugar não estava muito claro, mas Pablo logo percebeu que se tratava de seus amigos.

– João? Augusto? Venham me ajudar a levá-lo para a mata.

Os dois homens se aproximaram e Léo, naquele momento, mantinha certa calma. Quando os dois homens estavam bem próximos, Léo os olhou e ficou aterrorizado com o que vira.

Ataque dos Lobisomens

João sentiu grande satisfação ao avistar Léo, totalmente dominado. Ele levou uma de suas mãos até o rosto, que ainda ardia devido a uma grave queimadura sofrida na noite anterior. Augusto andava com dificuldades sentindo muita dor na altura da barriga. Ambos estavam ansiosos por aquele reencontro.

Léo sentiu um arrepio por todo o corpo, seu coração batia acelerado. Agora ele entendera muitas coisas. Pablo conversava com os dois homens, mas eles pareciam não ouvir uma só palavra. Os olhos estavam fixos em Léo, havia um sentimento de revanche por parte deles. Quando Pablo virou-se para ele, percebera que havia algo de diferente. Léo lançou-lhe um olhar interrogativo.

– Por acaso você sabe, como os seus amigos se feriram? Ou tem medo de descobrir o que eles são?

Pablo tentou se mostrar indiferente à pergunta, e prosseguiu com o que havia dito. Segurou firme a corda, pela qual amarrara as mãos de Léo, e tentou conduzi-lo pela capela, em direção à porta. Os dois homens não abriram passagem pedindo permissão para fazê-lo em seu lugar.

– Ninguém, mais do que eu, quer acabar com tudo isso. Deixem que eu mesmo irei conduzi-lo. Quero que venham comigo.

Augusto colocou a mão sobre o peito de Léo, desobedecendo as ordens de Pablo.

– Acho melhor nós o conduzirmos.

Pablo estranhou a atitude do amigo.

– O que é isso, Augusto? Eu quero levá-lo.

– Concordo com Augusto, deixe-o por nossa conta.

Léo fora tirado bruscamente das mãos de Pablo, que ficou intrigado com aquela atitude. Antes que saíssem apressados da capela, Pablo dirigiu-lhes a palavra.

– O que há com você, Augusto? O que houve com a sua barriga?

– Nada de mais. Apenas um pequeno machucado.

Os dois seguiam rumo à porta segurando firme o braço de Léo. Antes que chegassem à saída, todos ouviram um assovio. Quando olharam para trás avistaram Pablo, com um pequeno banco, onde se sentavam os fiéis, nos braços. Ele olhou firme para Léo antes de gritar.

– Abaixei!

Léo seguiu a ordem e apenas ouviu um estrondo, quando o banco se chocou contra João e Augusto. Os dois foram lançados contra a porta, com o impacto da batida. Léo se levantou, afastando-se do local onde estava. Pablo se aproximou e começou a desatar a corda que o prendia.

– O que houve?

– Talvez tenha razão no que disse. Eles não parecem ser os amigos que conheço.

Algumas risadas ecoaram pelo lugar atraindo a atenção dos dois para a porta principal. Os dois homens se levantaram com um aspecto diferente.

– Muito bem, Pablo. Até que enfim, parece ter enxergado quem realmente somos.

A voz de João estava mais grossa e rouca. Ao lado do amigo, Augusto também demonstrou estar diferente.

– Agora é tarde, amigão. Vamos levar vocês dois para um lugar de onde jamais retornarão.

Após essas palavras, Pablo e Léo se assustaram ao avistar os dois homens caindo no chão, contorcendo-se em dores. Em pouco tempo, seus corpos adquiriram um tamanho maior e muitos pelos começavam a aparecer.

– Vamos sair daqui, agora, Pablo.

– Meu Deus! Não posso acreditar nisso! Esse tempo todo...

– Eles o usaram para manter as pessoas longe da montanha, e agora, para chegarem até mim.

– O que vamos fazer?

– Vamos para o armazém, lá contaremos com a ajuda de Dora e Vanessa.

Quando estavam saindo pelos fundos, depararam-se, repentinamente, com o padre, na pequena sacristia. Pablo tentou explicar o que estava acontecendo ao

reverendo, puxando-o pelo braço, mas ele se recusava a sair. Léo observou-o com cuidado e afastou Pablo em direção à porta, que dava saída para a parte de trás da capela. Antes de sair, Pablo percebeu que o padre também iniciara o processo de transformação.

– O que é isso? Será que todos são lobisomens por aqui?

– Corra o máximo que puder, aquelas feras sairão dali, a qualquer momento, e virão atrás de nós.

Os dois saíram por detrás da igreja e correram na direção do armazém. Seguidos uivos ecoaram pelo interior da capela, momentos depois.

* * *

Dora e Vanessa conversavam apreensivas, sem saber notícias do jovem amigo. Instantes depois, Léo e Pablo entravam no armazém de maneira brusca e pareciam desesperados. Elas ficaram felizes quanto ao primeiro, mas surpresas com a presença do segundo. Os dois pareciam preocupados com alguma coisa, do lado de fora. Antes de dar qualquer explicação, Léo começou a verificar se todas as janelas estavam fechadas.

– Precisamos trancar todas as janelas e a porta também.

Dora ficou assustada com tal atitude.

– O que foi, Léo? O que está havendo?

O jovem lançou um rápido olhar para Pablo, enquanto observava a rua através do vidro da porta.

– Pablo vai dizer o que acabou de ver com os próprios olhos.

Vanessa, assim como Dora, aproximou-se para ouvir as explicações. Pablo contou a elas desde o momento em que acordara em sua casa e se deparara com o lobisOMEM, até aquele momento em que entraram correndo pelo armazém.

– Não temos muito tempo, eles já devem estar chegando. Dora, quero que pegue a espingarda e toda a munição que tiver.

Sem perder tempo, a tia de Vanessa saiu apressada em busca do objeto. Ao retornar, ela entregou a arma nas mãos de Pablo e deu a ele toda a munição de que

dispunha. A expressão de susto era visível em seu rosto. Vanessa também estava atordoada.

– João, Augusto e o nosso padre? Parece até brincadeira de mau gosto. O que faremos se eles vierem para cá?

Pablo pediu a Léo que se aproximasse.

– Temos que empurrar essas prateleiras até as janelas, talvez não adiante muito, mas pode ajudar a conter essas criaturas. Elas não resistirão se os lobisomens tentarem entrar.

– Ok. Vamos arrastá-las nós dois.

Enquanto Léo e Pablo moviam uma das prateleiras na direção das janelas, o telefone tocou assustando Vanessa, que estava mais próxima do aparelho. Ao atendê-lo, seu olhar se perdeu por alguns instantes e sua pele ficou pálida de medo. Dora se aproximou para saber do que se tratava.

– O que foi, Vanessa? Você está pálida!

– É o Sr. Silas... Disse que está no teto de sua casa e viu quando três monstros horríveis destruíram a porta da igreja e começaram a correr na nossa direção.

Todos se olharam no mesmo instante. Dora abraçou forte a sobrinha e seguiu com ela para o fundo da loja. Léo e Pablo terminaram de arrastar uma das prateleiras, até ela tapar, totalmente, a janela. Os dois recuaram até o centro do estabelecimento e ficaram em absoluto silêncio.

Dora e Vanessa se encolheram e também ficaram quietas, sem emitir qualquer ruído. Apenas o som dos grilos podia ser ouvido naquele momento. Pablo estava atento e pronto para utilizar a arma se preciso fosse. De repente, um ruído foi ouvido no teto de onde estavam.

– Estão em cima de nós. Léo, peça a Dora e Vanessa que não saiam do lugar onde estão, aconteça o que acontecer.

Léo deu dois passos para trás e conteve-se. A luz acabara, exatamente, naquele momento.

– Tome cuidado, Pablo. Acho que tentarão entrar.

– Se entrarem, que me perdoem, mas vou enfiar chumbo neles!

Mal terminaram de falar e um grande vulto passou pela porta em direção à janela. Léo não teve tempo para qualquer reação; um grande estrondo foi ouvido seguido da queda da prateleira. Pablo se afastou, mas não conseguia enxergar o intruso, devido à escuridão que pairava sobre o local. Léo tentou encontrar algum objeto, próximo à registradora, para tentar se defender, mas ficou paralisado ao ver, que do outro lado da janela lateral, havia um par de olhos amarelos fitando-o e dentes afiados à mostra.

Ele se abaixou, rapidamente, e ficou bem encostado ao balcão, enquanto a outra fera alcançava o interior do armazém, depois de pular e destruir toda a janela. Vanessa e Dora estavam escondidas bem ao fundo, atrás de algumas caixas de papelão. Mesmo que quisessem, não conseguiriam correr, pois as pernas, assim como todo o corpo não podiam mais obedecer.

O primeiro lobisomem se colocou à frente de Pablo e avançou sobre ele. O primeiro tiro foi ouvido e a fera, agora ferida no peito, bateu contra a parede com o forte impacto. A outra criatura desferiu um golpe certo arrancando a arma das mãos do homem, para depois jogá-lo do outro lado do balcão. Nesse momento a porta de entrada fora jogada abaixo, com a entrada de um terceiro lobisomem.

Léo estava rendido, sem saber o que fazer. A criatura, ferida, levantou-se e ficou ao lado das outras duas. Juntos, os três lobisomens avançaram, lentamente, na direção do jovem. Eles o observaram por alguns instantes e depois o cercaram, sem permitir qualquer chance de fuga. Em seguida arquearam suas pernas e emitiram ruídos pavorosos. Pareciam furiosos; suas garras e dentes já estavam prontos para o ataque feroz. Porém, um assóvio familiar chamou a atenção de todos. Pablo estava de pé, com a espingarda apontada para uma das três feras.

– Abaixa, agora!

Léo obedeceu e os tiros foram certos. Um dos lobisomens caiu próximo ao fundo do armazém. Outro foi ferido em uma das pernas, quando tentou avançar sobre o atirador. O terceiro passou, novamente, pela janela e desapareceu. A criatura ferida na perna investiu, mais uma vez, sobre Pablo e desta vez lançou-o para fora do estabelecimento.

Em seguida, ele pegou a espingarda entre suas enormes patas, e com outro golpe partiu-a ao meio. Léo usou uma rede para tentar imobilizá-lo, mas foi inútil. A criatura cortou a rede com facilidade e agarrou o jovem pelo pescoço. Seu rosnado era forte e não parecia querer estender aquela noite. O lobisomem andou, com certa dificuldade, até a porta e saiu do armazém.

Porém, antes que pudesse seguir para a parte de trás da cidade, onde adentraria a mata, ele fora surpreendido por uma voz, que para Léo já era familiar.

– Ei, seu monstro horroroso!

Quando se virou na direção da voz, a criatura rosnou com fúria, mas não conseguiu se desviar de um tiro certeiro. Com o ombro atingido, o lobisomem não teve forças para continuar segurando o seu refém. Em poucos segundos, ele desaparecera sem deixar qualquer rastro. Quando o homem se aproximou, Léo conseguiu reconhecê-lo.

– Obrigado mais uma vez, Sr. Silas.

– Não foi nada, garoto. Não dá pra brincar com esses monstros.

Ambos avistaram Pablo, caído e mais afastado. Foram ao seu encontro e certificaram-se de que ele estava bem. Do lado de fora foi possível perceber que a caixa de energia estava destruída. Silas sorriu com ironia.

– O que são essas coisas? Parecem até gente.

Léo e Pablo se entreolharam e prometeram explicar tudo depois. Os três entraram no armazém e encontraram Vanessa chorando muito. Léo correu para abraçá-la.

– Por hoje, pelo menos acabou. A caixa de energia foi destruída, mas amanhã creio que poderá ser consertada. Não precisa mais chorar, fique tranquila.

– Léo... A minha tia.

Somente neste instante todos notaram que Dora não estava presente.

– Vanessa, onde ela está? O que houve?

– Um daqueles monstros caiu aqui no fundo, ele parecia morto... Quando decidimos sair daqui, ele agarrou minha tia e a levou.

– Ah, não! Não, pode ser...

As palavras de Léo refletiam a dor e preocupação de todos com a notícia. Ao mesmo tempo, ele se levantou e pediu algumas explicações a Pablo.

– Preciso saber o que você viu naquela mata, e tem de ser agora.

– Não foi nada além, daquilo que vimos hoje. A intenção era dar uma lição naqueles arruaceiros, mas tudo deu errado. Eles foram para a mata no final da tarde, e nós fomos logo atrás. Nunca os encontramos... Lembro-me que andamos algum tempo, até que começamos a ouvir uivos.

A partir daí, alguém afirmou que Christian fora levado por alguma criatura selvagem. O delegado estava ao meu lado e resolveu procurar por ele. Quando chegamos à entrada da gruta, esses seres nos atacaram, levando Fábio e o delegado.

– Por isso você ficou com o distintivo dele.

– Isso.

Léo se virou, novamente, para Vanessa e olhou no fundo dos seus olhos.

– Escute: agora sei o que eles temiam. Com Pablo do nosso lado, a entrada da gruta poderá ser localizada e assim conseguirei entrar. Ao amanhecer, vou entrar lá e trazer sua tia de volta.

Silas ficou indiferente às palavras de Léo, mas Pablo ficou intrigado.

– Como vai fazer isso? Não sabe o que está dizendo.

– Aí é que você se engana. Caí por acaso dentro daquela montanha e vi algo muito curioso. Agora preciso voltar lá e você vai me ajudar.

De Volta à Montanha

Ninguém conseguira dormir naquela noite. O desaparecimento de alguns moradores, principalmente, de Dora preocupava a todos. Léo terminara de arrumar sua mochila e se pôs a esperar por Pablo, que fora, rapidamente, até sua casa para buscar algumas coisas. Silas tentava confortar Vanessa, que ainda encontrava-se muito triste. Quando Pablo retornou, todos estavam do lado de fora do armazém. Léo colocou sua mochila nas costas e parecia bem disposto para a perigosa missão.

– Então, vamos partir.

– Eu também vou.

– Ficou maluca, Vanessa? Vai ficar aqui mesmo. Vamos trazer a sua tia de volta, eu prometo.

Vanessa olhou para todos e percebeu que eles não deixariam que ela seguisse com o grupo.

– Você também vai Sr. Silas?

– Vou sim, minha querida. Esperei tempo demais... Quero tentar encontrar o meu filho. Fique aqui e tome cuidado.

Assim, Pablo, Léo e o velho Silas seguiram na direção da mata, localizada na parte de trás da pequena cidade. Três gerações diferentes caminhavam, lado a lado, com o único objetivo de acabar com aquela maldição.

Silas olhava para Léo com admiração, jamais vira alguém tão jovem e com tanta coragem. Ele caminhava firme na esperança de reencontrar o filho que há muito estava perdido. Pablo encontrara a chance de se redimir da sua covardia e também de tentar fazer com que a cidade volte a ser o que sempre fora.

– Léo, queria que me desculpasse pelo dia em que perseguimos você. Aqueles dois me convenceram de que você não estava deixando a cidade e que era melhor nos certificarmos.

– Tudo bem, Pablo. Acho que já se desculpou, ontem à noite. Quem sabe se conseguirmos dar um fim nisso tudo, seus amigos possam voltar a ser o que eram.

– A queimadura no rosto de João... Foi você mesmo?

– Foi um pouco antes de cair dentro da montanha.

– Creio que o ferimento em Augusto, também...

– Um bastão de ferro, desses que ficam em lareiras. São muito fortes, é como se nada pudesse detê-los. Assim que os dois se aproximaram de nós dentro da capela, percebi quem eles eram. Não fique chateado comigo, mas pensei que você era um deles.

Pablo sorriu, timidamente.

– Tomara que tudo isso acabe, logo.

– Então sugiro aos dois que parem de tagarelar e andem mais depressa.

Após as palavras de Silas, Pablo seguiu à frente do trio, pois era o único que sabia o caminho que levava à entrada da gruta. Andaram pouco mais de meia hora, até chegarem ao pé da montanha.

– Aquele dia já estava escurecendo, a entrada deveria estar por aqui.

Os três permaneceram algum tempo parados, pois não encontravam o local exato. Léo deu alguns passos para trás e escutou ruídos, como se estivessem vindo de muito longe. Silas e Pablo olharam na sua direção e ficaram satisfeitos.

– Parabéns, garoto. Eis a entrada da gruta!

Léo virou-se para trás, após a exclamação do velho Silas. A entrada estava à sua frente, e em seu interior só havia escuridão. Sem perder mais tempo, os três decidiram entrar, e cautelosos, adentraram rumo ao desconhecido. Seguiram por um extenso corredor aonde a luminosidade que vinha da entrada, já estava ficando para trás.

– Peguei alguns sinalizadores que tinha em casa. Querem que acenda um?

Léo não gostou da ideia.

– Acho melhor guardá-lo, não podemos ser notados antes de chegarmos a tal câmara que falei.

Os outros dois concordaram e decidiram seguir na escuridão. Pouco tempo depois, uma luminosidade, bem fraca podia ser notada. Um cheiro desagradável foi

sentido por todos, quando entraram em uma câmara, após saírem do corredor em que estavam. Nada ou quase nada se podia enxergar no local, logo, alguns ruídos foram ouvidos e estavam vindo do chão. Pablo parou de repente.

– Minha nossa! Pisei em alguma coisa.

Silas também se assustou.

– Estão por toda a parte e o cheiro é insuportável.

– São ossos de animais.

Se houvesse luz suficiente para iluminar o local, Léo perceberia a expressão de pavor que tomou conta dos dois amigos.

– Já estive aqui. Quando caí naquela noite, foi exatamente neste lugar. Existe uma abertura lá em cima, ela possui um desvio na rocha e chega até aqui. Por isso aqui não é totalmente escuro. Vamos.

Silas e Pablo ainda observavam o lugar, que possuía o formato circular, e de suas rochas, a água surgia escorrendo entre elas. Eles seguiram Léo, até saírem daquela câmara e entrarem em outro corredor. Quando seguiam por ele, notaram algo diferente. Todos pararam ao mesmo tempo e sentiram um leve tremor no local. Léo se recordou e foi rápido ao falar.

– Vamos voltar agora para onde estávamos. São lobisomens e estão vindo em bando.

Pablo ficou apavorado.

– Será que nos perceberam?

– Não sei, mas precisamos voltar para aquela câmara e nos esconder, lá.

Silas não gostou muito da ideia.

– Aquilo está cheirando muito mal, garoto.

– Vamos, logo!

Os três voltaram correndo e dentro da câmara, esconderam-se entre os ossos que estavam amontoados por ali. Em pouco tempo, o tremor aumentara e já era possível ouvir os ruídos que faziam. Quatro criaturas adentraram ao local em que estavam e pareciam brigar por um animal que traziam. A refeição durou poucos minutos. Os quatro saíram em disparada pelo corredor e desapareceram. Silas levantou-se enjoado e furioso.

– Agora vamos sair, logo daqui. Não aguento mais esse lugar.

Léo e Pablo riram um pouco. Eles deixaram o local e voltaram a caminhar pelo corredor em que estavam. Algum tempo depois chegaram a outra sala, onde havia outros corredores que seguiam em várias direções. Pablo olhou para o mais jovem do trio, enquanto ele pensava em qual deles deveriam seguir.

– Então, Léo? Qual foi o corredor?

– Não sei. Não me lembro.

Silas deu sua sugestão.

– Vamos nos separar e seguir, cada um, por um corredor diferente. Quem chegar a tal câmara, primeiro, tentará se apossar da tal pedra, enquanto os outros retornam até acharem o corredor certo.

Léo concordou, porém fez uma advertência.

– Silas tem razão. Porém, temos que ser cautelosos. Quando me aproximei muito daquela câmara, a pedra projetou a minha imagem e fui descoberto. Se isso acontecer, novamente, aquelas feras virão atrás de nós e não vão parar até nos alcançar.

– Peguem isso. Talvez seja útil.

Pablo deu um sinalizador para Léo e outro a Silas. Depois disso, cada um seguiu por um corredor, na esperança de chegarem a tal câmara. Léo guardou o sinalizador, enquanto caminhava. Algum tempo depois, ele notou uma luz que vinha do final daquele corredor.

Talvez tivesse acertado, mais uma vez, e percorrido o caminho certo. A luminosidade aumentava na medida em que se aproximava do fim. De repente, Léo se viu obrigado a parar, pois o corredor findava em uma parte mais alta da câmara que ele já conhecia. Ele pôde observar a pedra, com o mesmo brilho dourado de antes. Agora, porém, ele a via de outro ângulo, como se estivesse na parte de trás, em relação à posição em que a viu pela primeira vez.

Os dois lobisomens que faziam a guarda da pedra, ali permaneciam, mas virados para o outro lado. Agora, Léo pôde observar melhor o local. Ele notou outras aberturas espalhadas entre as rochas e inclusive avistou o local onde estava da vez anterior.

Lembrando-se do poder da pedra, ele tomou cuidado em não se expor, evitando assim em ser descoberto. Porém, o brilho da pedra se transformou, novamente, de dourado para um azul suave, que se estendeu até o teto. Os lobisomens ficaram inquietos e aguardaram o surgimento da imagem.

Outras feras saíram das aberturas entre as pedras e com habilidade desciam pelas paredes, até se juntarem ao outros. Léo estava apreensivo e já se preparava para correr, mas a imagem que surgiu não era a dele.

Fim da Maldição

Quatro, dos seis lobisomens que ali estavam, saíram em disparada por um dos corredores. Um pouco mais abaixo de onde estava, Léo percebeu, em uma das aberturas, a presença de Pablo, que também o avistara. Pouco tempo depois, eles avistaram os lobisomens, que retornavam da perseguição. Um deles trazia o velho Silas, que fora jogado próximo à pedra e encontrava-se desacordado.

As seis criaturas emitiam um ruído forte e assustador, mas ao notarem uma mudança no brilho do cristal afastaram-se, em absoluto silêncio, como se estivessem com medo de algo. A misteriosa pedra tornou-se opaca e em seu interior era possível perceber que uma mancha negra a tomava por completo. Os lobisomens apenas aguardavam, assim como Léo e Pablo também.

De repente, um feixe negro se projetou, com extrema rapidez, para o alto formando uma nuvem à frente das seis criaturas. Logo, ela se dividiu em duas partes e cada uma delas desceu até o chão, ziguezagueando no ar. Quando se encontraram, as duas partes se transformaram em um pequeno redemoinho. Um vento forte soprou por todo o lugar deixando Pablo e Léo curiosos.

Ao se dissipar, tudo o que restara fora a figura de um homem, de pé e que trajava uma túnica vermelha, com detalhes dourados. Não tinha cabelos na cabeça, os olhos eram claros, tinha uma expressão firme e aparentava ter entre 30 e 40 anos. Léo ficou muito intrigado com aquela aparição. Os lobisomens fizeram reverência àquela pessoa. O estranho se aproximou de Silas e o olhou com atenção.

– Não estou gostando disso. Mais um intruso... Onde está o rapaz?

Os lobisomens caminharam para se aproximarem do homem, durante o movimento todos se transformaram, novamente, em humanos. Um pouco mais afastado, Pablo ficou chocado com o que estava vendo. Além de João, Augusto e o padre, que se chamava Jonas, estavam ali, Christian, Fábio e Valter, o delegado da cidade. João falou pelos outros.

– Desculpe mestre, mas não conseguimos pegá-lo. É um jovem muito esperto.

A expressão da face, do misterioso homem mudou e não parecia contente com a resposta. Ele se dirigiu, velozmente, até João agarrando-o pelo pescoço.

– Escute bem; só restam dois dias para que eu possa me libertar dessa prisão. Até lá, não posso correr nenhum risco. Quero que o tragam para mim.

– Trouxemos a mulher a quem ele se afeiçoou.

– Você é surdo? Não ouviu o que eu disse?

Nesse momento, um barulho vindo da parte de trás da câmara foi ouvido. Todos dirigiram seus olhares e avistaram Pablo, com algo nas mãos.

– Ei, meus amigos! Sou eu, Pablo.

Léo levou suas mãos ao rosto desaprovando, totalmente, a atitude do amigo.

– Você aí, ô careca. Afaste-se deles!

O homem soltou João e caminhou, sendo acompanhado pelos outros, na direção de Pablo.

– Então acha que pode nos enfrentar, não é?

Com um estalo de dedos, João e Augusto se transformaram, mais uma vez, e avançaram sobre o intruso. Pablo acendeu um sinalizador e conseguiu manter os lobisomens um pouco mais afastados. A claridade ofuscou a visão das feras, mas também o prejudicou impedindo-o de ver que o homem misterioso, já se encontrava atrás dele. A fumaça negra envolveu a Pablo por completo e o fez desaparecer dentro dela. Léo assistiu a tudo temendo pela vida do novo colega.

Ele apareceu, novamente, após a saída da nuvem, também desacordado no chão, ao lado do sinalizador, que já estava apagado. O homem se materializou e andou até a pedra, que estava no centro do lugar. Tomando-a pelas mãos, ele pronunciou algumas palavras e logo um novo brilho foi emitido. Lançado ao chão, o brilho foi perdendo intensidade e logo, Léo percebera quem estava ali.

– Sei que está aqui, em algum desses corredores. Sei também que a vida desta mulher importa muito a você, não?

– Quem é você?

Todos olharam na direção de Léo, que já se encontrava na parte de baixo da câmara. Ele se aproximou, lentamente, até ficar próximo de Dora. Ao tentar acordá-la, ele percebeu que se tratava apenas de uma imagem.

– Ela ainda está aqui dentro, junto com todos os outros. Se for esperto poderá salvá-los.

Nesse momento, todos os seis homens já estavam, novamente, metamorfoseados. O homem misterioso, no entanto, fez sinal para que ficassem em seus lugares.

– Vou responder a sua pergunta e depois lhe dizer o que fazer para salvar seus amigos. Sou o último da linhagem dos Dasen Hort, um clã de lobisomens que detinham o poder sobre o elemento ar. Durante muitos séculos dominamos imponentes, grande parte das terras deste país, ao lado dos Dallen Alt. Entretanto, uma guerra eclodiu entre as duas linhagens, durou muito tempo e dizimou os dois clãs. Como o último da minha linhagem desejo começar por aqui, uma cidade pequena, um novo tempo para os lobisomens.

– E acha mesmo que pode fazer isso? Olhe para eles, não serão como você. Você é o último, não poderá passar isso a homens comuns.

O ser misterioso encheu-se de fúria com as palavras de Léo.

– Escute; só há uma forma de ajudar seus amigos. Fiquei preso por muito tempo dentro desta pedra, e em dois dias completarei mil anos. Assim, eu não precisarei mais dela para me energizar e poderei construir a cidade dos lobisomens. Se aceitar ficar dentro do cristal, posso permitir que todas as pessoas saiam e voltem aos seus lares. O que me diz?

– Não posso fazer isso. Em dois dias você sairá e destruirá toda a região.

– Você não está entendendo. Se não fosse por você, esses insignificantes não viriam até aqui. Acha que tem alguma escolha, estou propondo apenas um tempo maior de sobrevivência a essa gente.

Léo retirou de sua mochila o sinalizador e uma de suas últimas bexigas inflamáveis.

– Não faço acordo com seres como você.

O homem ficou irritado com a coragem do jovem. Seus olhos ficaram escuros como a noite e os dentes começaram a crescer, assustadoramente. As orelhas estavam ficando pontiagudas e todo o corpo aumentava de tamanho. Os pelos cresciam por toda a parte e logo, o manto vermelho se destruiu por completo.

O homem se transformara como os outros, mas ao contrário dos demais, ele continuou crescendo até atingir o dobro do tamanho. Léo ficou assustado com o tamanho da fera, que devia ter de 4 a 5 metros de altura. Quando ela se virou para ele, um forte rosnado ecoou por toda câmara e fez as paredes tremerem.

O lobisomem gigante iniciou uma corrida em sua direção e foi seguido pelos outros seis. Léo entrou em um dos corredores e correu o máximo que pôde. As feras o seguiram, mas se separaram passando por outros lugares. O lobisomem maior quase o alcançou com uma das mãos, mas como as aberturas e os corredores eram estreitos, ele não conseguiu prosseguir.

Léo chegou à câmara onde os corredores se encontravam e logo percebeu a aproximação das feras. Tomando outra direção ele seguiu, rapidamente, por outro corredor, mas percebeu que estava subindo. Quando parou para tomar fôlego, notou que um estranho silêncio tomara conta do local. Estava escuro e nada conseguia enxergar.

Decidindo voltar, ele sentiu uma respiração quente e forte logo atrás de sua nuca. Léo sentiu um arrepio por todo o corpo, mas conseguiu manter a calma. O lobisomem surgiu da escuridão para atacá-lo, mas sem sucesso. Léo se jogou ao chão desviando-se do oponente e ainda teve tempo para lançar uma de suas bexigas contra a fera. Acendendo o sinalizador, ele se assustou com os dentes da criatura, que já estava bem próxima.

O toque do objeto, no lobisomem, causou a chama, instantaneamente. O líquido se espalhou pelos braços e o fogo não se apagaria facilmente. Léo correu mais uma vez, antes que outros lobisomens chegassem fechando a passagem. De volta à câmara, não viu em qualquer canto, o lobisomem maior.

Correndo na direção de Silas e Pablo, algo agarrou seus pés. A fumaça negra saiu por debaixo da terra e logo se transformou no terrível ser. Léo foi imobilizado pela grande criatura e ficou sem poder de reação. Não havia como

fazer qualquer coisa naquele momento, a grande criatura o agarrara pelos braços e o suspendera no ar.

Muitas coisas passaram pela sua cabeça, e não ter a chance de sair dali, para continuar a busca pela sua origem era o que mais lhe doía. Nesse instante, uma voz conhecida chamou a atenção das feras. Léo quase não acreditou no que conseguira enxergar: Vanessa estava bem próxima e segurava a pedra em suas mãos.

– Se não soltá-lo agora, vou jogar essa pedra com toda a minha força naquela parede.

Segundos depois, Léo sentiu que o chão ficara mais próximo. A grande criatura era, de novo, o homem de antes.

– Vejo que temos mais alguém com coragem aqui. Não faça nenhuma besteira e me entregue logo essa pedra.

– Quero a minha tia e todas as pessoas de volta, inclusive os tais arruaceiros que começaram tudo isso ou vou quebrá-la.

O homem soltou uma risada que ecoou por todo o local.

– Os arruaceiros nunca existiram de verdade, menina. Foram apenas parte do meu poder. Se quebrá-la, jamais verá sua tia outra vez. Pode até me destruir, mas ela e os outros não voltarão. Eu garanto.

Vanessa olhou para Léo e ficou em dúvida. Silas e Pablo recobram a consciência e ficaram perdidos com o que estava acontecendo. De repente, os outros lobisomens a cercaram e o homem se transformou, mais uma vez. Léo gritou a ela, antes que fosse pega pela grande criatura.

– Vanessa! Jogue-a para mim!

A pedra rodou pelo ar e caprichosamente caiu nas mãos de Léo. Vanessa já estava presa nas mãos da fera e, totalmente, imobilizada. Léo não esperou e aproximou-se, lentamente, com o cristal à mostra. À medida que caminhava, os outros lobisomens abriam passagem para ele.

Quando se aproximou daquele, que prendia sua amiga entre as fortes e grossas garras, olhou-o com atenção e levantou as mãos para o alto, como se estivesse oferecendo o objeto triangular. A criatura olhou, desconfiada, mas aos poucos abaixou Vanessa, até que ela pudesse tocar o solo com os pés. Com

habilidade, Léo girou a pedra entre as mãos e a lançou com a ponta virada para o lado contrário, contra o peito do lobisomem. No mesmo instante, um brilho intenso saía do lugar atingido. A fera soltou Vanessa, que recebeu a ajuda de Pablo para se afastar.

Os outros lobisomens se preparavam para atacar, mas se lançaram ao chão, como se também estivessem feridos. A criatura gigante chocou as costas contra a parede, enquanto emitia um som fazendo tremer todo o interior da montanha. Pequenos brilhos começaram a sair do brilho que vinha do local atingido, e caíam no chão da câmara. Silas, Vanessa, Pablo e Léo notaram que se tratavam das pessoas que haviam sido levadas da cidade.

Com mais um forte ruído, o lobisomem desapareceu. Com ele também, o brilho intenso que o dizimou.

Léo certificou-se de que todos estavam bem, e feliz, avistou Dora, que acordava sem se lembrar de nada, após ter sido levada do armazém. Vanessa a abraçou forte, e ambas ficaram aliviadas com o reencontro. Pablo ajudou os amigos a se levantarem e percebeu que João e Augusto, não tinham nenhum sinal de ferimentos antigos.

Silas abraçou o filho Fábio, que, juntamente com os outros, não se lembrava de nada. Dora prometeu contar tudo a Christian, que estava sem entender e não sabia por quanto tempo esteve ali. Léo conduziu a todos pelos corredores, até chegarem do lado de fora da montanha. Dali seguiram de volta para a cidade.

Adeus, Amigo

Reunidos na rua principal da cidade, em frente à capela, todos os moradores de Galhos foram se despedir do jovem, que tornou possível a elucidação de um terrível mistério. Dora e Christian estavam juntos, novamente. O delegado da cidade já assumira o comando policial da região e estava muito agradecido.

Léo ficou satisfeito por ter conseguido ajudar aquelas pessoas, ele se lembrou de Amanda e do orfanato. A maldição foi quebrada e aqueles que se transformavam em lobisomens voltaram a ser pessoas normais, sem sequelas ou qualquer ferimento.

O povo de Galhos estava em festa, havia muita comida e bebida para comemorar um novo tempo. Um pouco afastado, Léo observava as comemorações, enquanto ajeitava sua mochila. Sem que ninguém percebesse, saiu em direção à estrada. Antes, porém, ele encontrou Vanessa e Dora, paradas, logo na saída da cidade.

- Não acha que pode nos deixar sem se despedir, não é?
- Não sou muito fã de despedidas.
- Mas não pode ir sem levar uma lembrança do meu armazém.

Dora deu a Léo uma pequena lanterna. Com um sorriso e uma lágrima, ela o abraçou.

– Isso é para o caso de você resolver entrar em outras grutas ou resolver andar pela mata à noite.

Os dois riram bastante.

– Obrigada por tudo. Não fosse pela sua coragem, não teríamos conseguido e jamais veria Christian outra vez.

– Não tem que me agradecer. Só fiz o que achei ser o certo. Não consigo ficar curioso...

Dora se despediu e retornou. Vanessa desejou sorte ao jovem destemido.

– Espero que encontre o que procura. Só não se esqueça da gente, tá?

– Isso jamais. Tenho que agradecê-la, também. Quando estava em apuros, você surgiu do nada e me salvou.

– Não foi nada. Acharam mesmo que eu ficaria dentro de casa esperando vocês voltarem? Não mesmo!

Léo sorriu, contente com a coragem da amiga.

– É isso aí, se não fosse você eu não estaria aqui.

– Depois acertamos a conta.

Os dois riram bastante e depois se abraçaram. Léo sabia que não voltaria a vê-la, novamente.

– Obrigado por tudo, Vanessa. Adeus!

– Adeus, Léo! Manda uma carta pelo menos.

– Pode deixar.

Léo seguiu para a estrada, na tentativa de arrumar logo, uma carona. Seu futuro era incerto, assim como a direção que seguiria. Nada disso importava naquele momento, o importante era seguir com coragem, para continuar enfrentando os desafios em sua vida.

FIM